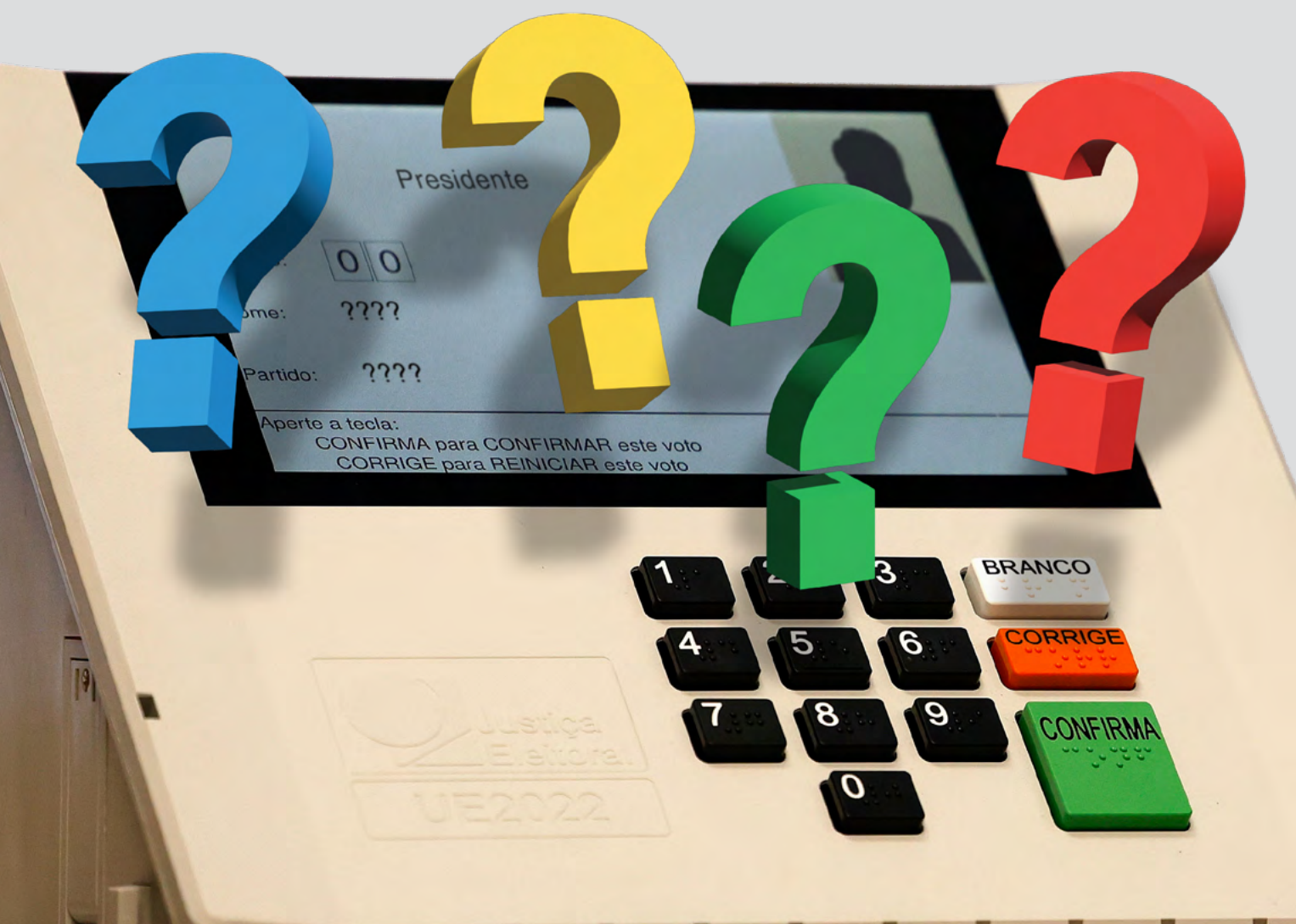


ISTO É

Edição 28 - 20/3/26

JOGO EM ABERTO

Com prazo curto para aliados trocarem de partidos, as pré-campanhas de Lula e Flávio Bolsonaro correm para construir palanques regionais e desatar nós que travam a definição de seus vices



Capa

Página
6



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Convencer Haddad a concorrer ao governo foi um dos nós desatados por Lula

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

14 ECONOMIA

17 INTERNACIONAL

23 SAÚDE

25 GENTE

26 ESPORTE

28 ESTILO DE VIDA

34 ENTRETENIMENTO

39 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



BETO NOCTI/BCB

Copom cortou juros em 0,25 ponto percentual



REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM

Após queixas de assédio, Redzepi deixou o Noma



PATRICK T. FALLON/AFP

Wagner Moura no Oscar: visibilidade global

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://twitter.com/revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



“Haddad é um apaixonado por São Paulo e, uma vez tomada a decisão, mergulhará nessa campanha de maneira muito intensa”

LEONARDO MONTEIRO

Lula tem de “mostrar o que tem feito”

Para o deputado estadual Emídio de Souza (PT-SP), o governo federal tem entregas; já a oposição “não apresenta programa alternativo”

Diante do crescimento do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) nas pesquisas de intenção de voto, é hora de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) “mostrar o que tem feito” para chegar em outubro com boas condições de se reeleger. Essa é a opinião do deputado estadual Emídio de Souza (PT-SP). Na avaliação do parlamentar, o presidente se beneficiará da exposição das entregas de seu mandato, como a isenção do Imposto de Renda para os brasileiros que ganham até R\$ 5 mil mensais. Ex-prefeito de Osasco e um dos coor-

denadores da campanha presidencial de Lula em 2022, que terminou com a vitória mais apertada da história democrática brasileira — Jair Bolsonaro (PL) perdeu por 2,1 milhões de votos —, o parlamentar projeta nova disputa acirrada não apenas neste ano, mas também nas futuras eleições presidenciais. “Nós não teremos mais eleições em que um candidato tem 60% e o outro, 40%. Isso ficou no passado. Temos de estar preparados para disputas realmente apertadas, onde cada detalhe é capaz de mudar o cenário”.

Leonardo Rodrigues

Lula venceu Bolsonaro com a margem mais apertada da história, o que demonstrou as dificuldades da campanha. Para 2026, o presidente enfrenta alto índice de desaprovação e o crescimento de Flávio Bolsonaro nas pesquisas. O que deve ser feito para reverter este cenário?

A disputa eleitoral no Brasil ganhou, nos últimos anos, um caráter quase plebiscitário. São disputas muito equilibradas, quase um padrão norte-americano, aquela eleição que é disputada no olho mágico. Acho que isso veio para ficar. Não teremos mais aquelas eleições em que um candidato tem 60% e o outro, 40%. Isso ficou no passado. Então, temos de estar preparados para disputas realmente apertadas, onde cada detalhe — uma declaração, um tema — é capaz de mudar o cenário. Não acho que há uma mudança grande a ser feita [para a campanha]. O presidente Lula apresentou, em 2022, um programa de governo que visava resgatar o país e fazer a economia crescer novamente. Ele prometeu isentar de imposto de renda quem ganha até R\$ 5 mil, está isento; recriou a política de valorização do salário mínimo; o Brasil voltou a crescer acima de 3% ao ano; e nós temos o menor índice de desemprego da história. Quem está no governo sempre tem como principal bandeira [de campanha] apresentar o que tem feito, o que está fazendo e o que vai fazer no próximo período [em caso de reeleição]. Já a oposição brasileira, em vez de apresentar um programa alternativo, vive do espalhamento de “fake news”. Não querem discutir a economia, não querem discutir a inclusão social, os programas. Ora [o problema] é o Carnaval, ora é que ele [Lula] viaja muito. Então, o governo tem de se vender bem e mostrar, na campanha, o que tem feito para melhorar a vida do povo brasileiro e quais são as perspectivas para os próximos anos.

Pouco após a eleição de 2022, o senhor afirmou que o Lula 3 não seria um “governo do PT”, mas um governo “chefiado” pelo partido. Essa promessa se cumpriu?

Basta olhar para a Esplanada que se vê um governo multifacetado, onde

estão representados todos os partidos que apoiaram o Lula, mas também o MDB da Simone Tebet [ministra do Planejamento e candidata derrotada à Presidência em 2022], o PSD do [Gilberto] Kassab, União Brasil, PP, forças inclusive que não apoiaram o presidente nem sequer no segundo turno. É um governo muito amplo, mas que tem, evidentemente, a orientação central de um presidente que é do PT. Para ter mínimas condições de sobrevivência e de aplicar seu programa, um governo tem de ser de frente ampla, ter a capacidade de atrair outros setores além daqueles que o elegeram.

Em um eventual novo mandato, o presidente tem de fazer um governo ainda mais amplo?

O novo governo do presidente Lula, se ele assim o conquistar nas urnas, terá de ser mais amplo, mas não necessariamente na quantidade de partidos. Os partidos que se comprometerem a fazer parte do governo terão de estar realmente alinhados, não podem [ocupar cargos] sem que os deputados apoiem efetivamente. Para avançar, o país precisa de estabilidade e sustentação política, o que se dá no diálogo entre o governo e as bancadas do Senado e da Câmara, incluindo nas forças que não te apoiam. Acho que, no atual governo, mesmo com a participação de muitos partidos, não há correspondência de apoio no Congresso Nacional. Essa deveria ser a mudança de tom no próximo governo.

Uma redução na representação partidária em cargos no governo, portanto?

Pode haver. É preciso ter compromisso. Essa história de estar no governo, mas votar com a oposição, não funciona, seja para o presidente Lula ou qualquer outro. Quem está no Executivo precisa saber exatamente com quem ele pode ou não contar no Legislativo.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, foi convencido a disputar o governo de São Paulo após ter declarado que não pretendia ser candidato a nenhum cargo em outubro. O objetivo é efetivamente elegê-lo ou fortalecer o palanque do presidente Lula no estado?



LEONARDO MONTEIRO

Não era nem vontade. O ministro queria cumprir outro papel na campanha. Ele nunca rejeitou [ser candidato] ou disse que não gostava de São Paulo; pelo contrário, Haddad é um apaixonado pelo estado e, uma vez tomada a decisão, mergulhará nessa campanha de maneira muito intensa. Conheço o Haddad, coordenei campanhas e o programa de governo dele [em 2022], sei de sua capacidade de se envolver e elaborar propostas. Não é um candidato que fica esperando. Ele participa ativamente dos debates, fóruns de discussão, busca entender cada aspecto da vida no estado e, enfim, é um candidato aplicado. Acredito que, ao começar em um patamar muito melhor [do que em 2022] e deixar o Ministério da Fazenda com entregas notáveis, como a isenção do Imposto de Renda e uma reforma tributária que era discutida há quase 40 anos, ele terá melhor condição de participar do debate. Haddad certamente fa-

rá um contraponto ao governador nessa história de privatizar tudo, como ele tem feito em São Paulo; as pessoas vão avaliar [na eleição] qual foi o resultado concreto da privatização da Sabesp, as políticas de segurança, o aumento da violência contra a mulher no estado. Tarcísio estará na vidraça. Ele ainda não foi questionado sobre nada disso e, agora, será.

Quais são os elementos que colocam o governo Tarcísio "na vidraça" para a apresentação de uma alternativa de oposição?

A primeira coisa a ser discutida é o papel do Estado. Tarcísio entregou os serviços mais importantes do governo para a iniciativa privada. Não sou contra a privatização, por princípio, mas áreas essenciais, como a água, não devem passar por esse processo. O resultado [da privatização da Sabesp] está aí, com contas que sobem o tem-

po todo, falta de abastecimento, problemas de qualidade e promessas que não foram cumpridas. Na educação, as experiências da plataformização, em que se escanteia o professor em favor do ensino digital, e das escolas cívico-militares, com policiais cuidando das salas de aula, mostram uma disfunção que também será cobrada. As grandes obras do estado, sem exceção, têm apoio decisivo do governo federal. O túnel submerso Santos-Guarujá não sairia do papel sem a iniciativa do presidente Lula, assim, como o trem Inter-cidades Campinas-São Paulo.

O senhor havia mencionado a segurança. Mesmo com a queda no registro geral de homicídios, São Paulo teve o maior número de feminicídios da série histórica (270) em 2025 e policiais civis acusam Tarcísio de falta de valorização. Por que a esquerda não se apropria dessas bandeiras?

Primeiro, de fato, a esquerda ainda não apresentou um programa tão consistente em termos de segurança pública. Há uma situação complexa, porque a atribuição principal é dos governos estaduais, com colaboração das prefeituras. E você tem um papel do governo federal, que é dar apoio aos estados. O presidente Lula avançou ao apresentar a PEC da Segurança Pública, que propõe o SUSP (Sistema Único de Segurança Pública) e acho que pode ter resultados importantes, e tem um papel evidentemente importante no combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas, na evasão de divisas e contrabando, que é o que a Polícia Federal faz e demonstra, dia após dia, que a violência policial não gera os melhores resultados. A segurança pública em São Paulo é uma discussão que nós vamos fazer no programa de governo do Haddad. O que foi feito nos últimos anos [por Tarcísio]? Claramente, o endurecimento da polícia. Então, você tem uma polícia mais violenta, com índice de letalidade policial enorme, comparável com as piores situações do mundo. Muito disso se deve ao Tarcísio e à escolha que ele fez de colocar o [Guilherme] Derrite à frente da Secretaria da Segurança Pública. É a primeira vez em que um policial militar, que não era de alta pa-



LEONARDO MONTEIRO

tente, comandou as estruturas da Polícia Civil, da Polícia Militar e também da Polícia Científica e da Polícia Penal. A performance do Derrite foi a mesma que ele teve à frente da Rota [Rondas Ostensivas Tobias Aguiar]: uma polícia que mata mais, mas com pouca resolução de conflitos. Então, os índices não melhoraram. Há uma quantidade de roubo de celular imensa, pouca tecnologia incorporada ao trabalho policial. Essa situação da violência contra as mulheres explodindo no país, cada hora é um caso de um policial que joga um cidadão, mesmo que fosse um bandido, de cima da ponte. O Tarcísio está devendo uma política de segurança.

Voltando ao palanque paulista do PT, além de Haddad, está confirmada a candidatura de Simone Tebet a uma das vagas ao Senado. A militância

petista se mobilizará de fato por alguém desvinculada das bandeiras do partido?

Acredito em um processo muito tranquilo. A militância do PT tem muito claro que o projeto principal é a reeleição do presidente Lula e, para atingir esse objetivo, precisamos apoiar outras pessoas nos estados. Em Minas Gerais, está sendo considerada a hipótese de apoiar o senador Rodrigo Pacheco, que está saindo do PSD e deve ir para o União Brasil. No Rio de Janeiro, apoiaremos o [prefeito] Eduardo Paes, do PSD. Então, o apoio a uma figura como a Simone não representa dificuldade nenhuma. Ela fez um belo papel na última eleição presidencial, apresentou propostas, foi muito correta com o presidente à frente do Ministério do Planejamento e se tornou uma das lideranças que o Brasil aprendeu a reconhecer. **E**



*Lula resolveu seu
palanque eleitoral
em São Paulo ao
convencer Haddad a se
candidatar ao governo*

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Hora de resolver impasses



*Flávio Bolsonaro
quer primeiro
fechar alianças
regionais para
depois focar na
escolha do vice*

CARLOS MOURA

Pré-campanhas de Lula e Flávio Bolsonaro focam em articulações regionais na busca de palanques fundamentais para o jogo político, enquanto enfrentam indefinições que emperram as escolhas sobre vices

João Vitor Revedilho

Faltando pouco menos de 200 dias para o primeiro turno das eleições, os postulantes ao Palácio do Planalto ainda vivem com “dor de cabeça” para alinhar suas pré-campanhas e admitem a necessidade de desatar nós para embalar as candidaturas em definitivo nas próximas semanas. Perto do fim da janela partidária - prazo em que os candidatos podem trocar de legenda, que cairá em 4 de abril -, PT e PL correm contra o tempo para afinar os últimos acordos e fechar as alianças do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do senador e pré-candidato à presidência da República Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Apesar do tempo curto para definições, as duas campanhas pregam cautela sobre os rumos que cada um deve tomar neste momento. A prioridade agora é afinar os palanques regionais para dar sustentação às candidaturas. Para isso, antes de maio tanto Lula quanto Flávio precisam superar os impasses nos estados e driblar as resistências que continuam a atrasar as chapas locais.

Até o momento, Lula foi o que mais teve êxito ao driblar os impasses. O petista conseguiu convencer seu principal aliado, o então ministro da Fazenda, Fernando Haddad, a repetir a dobradinha de 2022 e fazê-lo se candidatar ao governo de São Paulo — na quinta-fei-

ra, 19, ele oficializou sua saída da pasta, marcada para o dia seguinte, e Lula anunciou seu substituto, Dario Durigan (atual secretário executivo da Fazenda).

O presidente ainda coordenou as articulações para emplacar Simone Tebet, ministra do Planejamento, para uma das vagas ao Senado. Apesar dessas conquistas, Lula deverá apaziguar a disputa entre dois ministros do seu governo para a segunda vaga ao Salão Azul. Márcio França, do Empreendedorismo, e Marina Silva, do Meio Ambiente, disputam o espaço pela preferência. A vontade de Lula é contar com Marina para o Senado, abrindo o espaço para França seguir como vice de Haddad.

Tarcísio: definição de vice é dele; a segunda vaga ao Senado deixa para o bolsonarismo



PAULO GUERETTA/GOVERNO DO ESTADO DE SP

O cenário é bem parecido para o lado bolsonarista de São Paulo. Flávio apoiará a reeleição de Tarcísio de Freitas (Republicanos), que indicou o nome de Guilherme Derrite (Progressistas-SP) para uma das vagas ao Senado. Porém, o PL pressiona tanto a vaga de vice quanto a segunda vaga ao Salão Azul. Tarcísio já mandou o recado a Flávio de que seu número dois será escolha pessoal e liberou a segunda vaga ao Senado para a cúpula bolsonarista. Interlocutores apontam que a tendência é que Felício Ramuth (PSD) seja mantido como vice. Ricardo Mello Araújo, vice-prefeito de São Paulo, se tornou o favorito à disputa pelo Congresso.

Cenários são parecidos nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Ceará e Maranhão - só para citar alguns. Em Minas, a situação é complexa para os dois lados. Lula batalha para convencer o ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD) a se candidatar ao governo, mas deverá engolir a possibilidade da formação de chapa com o PSDB, rival histórico dos petistas.

Para o lado de Flávio, a indefinição da candidatura ao governo do estado incomoda aliados. A executiva nacional do partido quer lançar um candidato próprio, mas a estadual apoia a candidatura de Mateus Simões (PSD), vice do governador Romeu Zema (Novo). Outro nome que corre por fora nessa preferência é o do senador Cleiton Azevedo (Republicanos), que lidera a corrida pelo Palácio Tiradentes.

Flávio também precisa driblar a resistência nacional sobre a candidatura de Ciro Gomes (PSDB) ao governo do Ceará. O PL local já fechou questão para apoiar o tucano, mas ainda há divergências entre nomes da família Bolsonaro devido ao histórico de apoio de Ciro a Lula. O cearense foi ministro do primeiro mandato lulista, mas, depois, rompeu definitivamente com a cúpula petista.

Enquanto Flávio precisa focar em menos estados, Lula precisa se desdobrar para manter o Nordeste unido. Outra tarefa é emplacar apoios no Rio Grande do Sul. No Nordeste, a cúpula petista precisa encontrar uma solução para o impasse para o Senado, já que a governadora Fátima Bezerra (PT)

desistiu de se candidatar. A decisão foi tomada após a mudança no cenário político local com o rompimento dela com o vice-governador Walter Alves (MDB), que anunciou apoio à candidatura da oposição ao governo estadual.

Em território gaúcho, Lula terá dois nós para desatar. Uma ala do PT quer apoiar a candidatura de Juliana Brizola (PDT) ao Palácio Piratini, enquanto outra quer encabeçar a chapa, com Edegar Pretto sendo o preferido. A tendência é que haja um acordo entre eles e que um se torne vice do outro. Além do governo, a liderança petista quer agilizar as indicações ao Senado. Paulo Pimenta e Manuela D'Ávila despontam como favoritos para a composição, mas há quem defenda uma espera maior para a definição. O Planalto, porém, quer fechar os nomes ainda em abril.

Olho no Maranhão e em Alagoas

De todos os impasses envolvendo o PT, o mais curioso está no Maranhão. O partido até tem vontade de lançar uma candidatura própria com Felipe Camarão, mas o racha entre ele e o governador Carlos Brandão (sem partido) pode colocar a legenda no caminho totalmente contrário. Vice de Brandão, Camarão quer se colocar como candidato e contava com o apoio do governo para tal quando a chapa foi formada em 2022. O governador, no entanto, rompeu o acordo e quer lançar seu sobrinho, Orleans Brandão (MDB), ao posto.

No meio da disputa, a executiva petista procura se desgastar o menos possível e já tem piscado o olho para Eduardo Braide (PSD), prefeito de São Luís (MA), que lidera as pesquisas ao governo. As articulações tomaram cor-



Braide, prefeito de São Luís pelo PSD, atraiu atenção do PT no Maranhão



O prefeito de Maceió, JHC, fez acordo “com os dois lados”; um irá protestar

po nas últimas semanas e devem avançar até o fim da janela partidária.

O cenário maranhense só fica atrás da novela alagoana, com um candidato disputando a preferência tanto de Flávio quanto de Lula. Prefeito de Maceió, João Henrique Caldas, conhecido como JHC, chegou a fazer acordo para os dois lados e já prepara sua traição contra um deles.

JHC é próximo do ex-presidente da Câmara dos Deputados Arthur Lira (Progressistas-AL), que deve ser candidato ao Senado na chapa bolsonarista. Mas ele costura um acordo para trocar de partido e apoiar Lula nas eleições em troca da indicação de sua tia, Marluce Caldas, a uma vaga de ministra do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Filiado ao PL, o alagoano ainda não decidiu qual cargo deve disputar. Caso dispute o governo, entrará para o lado bolsonarista, com uma chapa ao Sena-

do formada por Lira e, possivelmente, pelo deputado Alfredo Gaspar (União Brasil-AL), relator da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do INSS. Se optar pelo Senado, terá de seguir com os petistas, sendo encabeçado por Renan Filho (MDB) ao governo do estado e Renan Calheiros (MDB) para uma das vagas no Salão Azul.

A batalha pelos vices

Os nós desatados não passam apenas pelas alianças regionais. Lula e Flávio Bolsonaro terão de se mexer para conseguir emplacar suas candidaturas nas próximas semanas. Do lado petista, parte do time já está mais estruturado. Lula contará com Edinho Silva, presidente do PT e pré-candidato a deputado federal, como seu coordenador de campanha. Há ainda a possibilidade de nomes históricos do PT, como José Dirceu, ex-ministro da Casa Civil du-

rante o primeiro mandato, interferirem diretamente nas decisões da corrida eleitoral. Já Raul Rabelo, sócio do ministro da Secretaria de Comunicação Social, Sidônio Palmeira, deve ser nomeado como marqueteiro da campanha. Sidônio, todavia, não deve ficar longe dos holofotes e deve dar pitacos na condução da publicidade para a candidatura petista.

Lula, no entanto, ainda enfrenta um vazio sobre seu braço-direito, o vice. O petista tem afirmado nos bastidores ser cedo para definir um nome, mas tem sido cobrado nos bastidores a fazê-lo. O PT tem acordo com o PSB para a formação da aliança pela segunda eleição consecutiva, além de manter os apoios de partidos de esquerda, como PSOL e PDT. Com isso, o favorito para o posto se mantém Geraldo Alckmin, o atual vice.

Para aliados, Lula elogia Alckmin, avalia o trabalho dele como ótimo e disse gostar muito do ex-governador de São Paulo. No entanto, a cúpula petista tem mirado o MDB, tentando atrair uma base do Centrão para sustentar a campanha deste ano. Próximos de Lula, os nomes do governador do Pará, Helder Barbalho, e do ministro dos Transportes, Renan Filho, são os que circulam nos bastidores. A legenda, comandada pelo deputado federal Baleia Rossi (MDB-SP), tem se dividido sobre o tema, com caciques do Norte e Nordeste apoiando a adesão ao petista, enquanto outros diretórios pedem independência no pleito presidencial. Interlocutores emedebistas ouvidos pela IstoÉ já apontam essa possibilidade como remota. Baleia não deu sinalizações de que aceitará uma chapa com os petistas. Edinho não teria feito movimentos para concretizar a aliança. Nessa dança, Alckmin volta ao posto de preferido de Lula.

É quase a mesma situação de Flávio, mas com alguns impasses a mais. Com o pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), preso e internado por uma broncopneumonia, o filho “01” conta apenas com seu braço-direito, o senador Rogério Marinho (PL-RN), para articular as diretrizes e os rumos de sua pré-campanha presidencial. Assim como Lula, Flávio e aliados têm concentrado suas forças nas articulações

pelos palanques regionais e têm olhado com cautela a própria formação da chapa. Ainda sem vice, o senador quer primeiro fechar as alianças para depois consolidar o nome de seu número dois.

Ao contrário da campanha que deu vitória a seu pai em 2018, Flávio quer uma unificação da centro-direita para dar robustez à sua candidatura. Para isso, tem tentado enviar sinalizações ao Centrão e até a partidos aliados, como o Novo. Nas últimas semanas, aliados do senador têm procurado convencer Romeu Zema a embarcar na campanha de Flávio. O governador é o nome favorito de pares do PL para ser vice do senador, mas o mineiro é pré-candidato à presidência da República e está irredutível sobre a desistência da disputa pelo Planalto.

Outro nome cotado para a vice-presidência é o da ex-ministra da Agricultura no governo Bolsonaro, a senadora Tereza Cristina (Progressistas-MS), vista como o principal nome na mesa atualmente. A avaliação de membros do PL é que a escolha seria por uma mulher. Além disso, a senadora tem carisma e é uma articuladora nata nos bastidores, o que poderia favorecer Flávio com a cúpula do Centrão. Para isso, ele quer trazer consigo o apoio da federação União Progressista, formado pelos partidos Progressistas e União Brasil, que já sinalizaram fechar questão em apoio ao filho “01”.

O PL ainda quer intensificar as investidas ao PSD, partido que deve lançar Ratinho Jr como candidato ao Palácio do Planalto. A legenda, comandada por Valdemar Costa Neto, quer dissuadir o governador paranaense da candidatura e emplacar a união da centro-direita para embalar a campanha de Flávio. Entretanto, o PSD já afirmou que não irá desistir de lançar um candidato próprio.

O ponto de preocupação do momento é a falta de um marqueteiro político para cuidar da publicidade do senador. Conversas foram abertas com ao menos cinco nomes, mas todos já estavam dedicados em campanhas e pré-campanhas à presidência. A reportagem apurou, no entanto, que Flávio Bolsonaro mantém conversas com um nome desde o começo da procura e um acordo deve sair até o fim deste mês. **E**



Pacheco terá pouco tempo para encontrar um partido, caso se candidate

GERALDO MAGELA

O nó mineiro de Lula

Leonardo Rodrigues

No segundo maior colégio eleitoral do país, Minas Gerais, a preferência admitida pelo presidente Lula para o governo estadual é pelo senador Rodrigo Pacheco (PSD). A indefinição do próprio quanto a concorrer é um importante desafio porque será preciso correr para formar uma chapa competitiva a tempo do prazo para as filiações partidárias (4 de abril).

Com o crescimento de Flávio Bolsonaro (PL-RJ) nas pesquisas, a preocupação prioritária do grupo de Lula é não perder terreno em relação a 2022, quando o presidente bateu Jair Bolsonaro (PL) por 2,1 milhões de votos. Na disputa, o petista conquistou 50,20% dos votos em Minas Gerais, garantindo uma vantagem apertada no estado que “decide” quem sobe a rampa do Palácio do Planalto há quase oito décadas.

A pouco mais de seis meses para tentar um quarto mandato, Lula tem mais razões para preocupação na região que concentra mais de 40% dos brasileiros. A rodada mais recente da pesquisa Genial/Quaest mostrou que, nela, a desaprovação ao governo chegou a 58%, contra 37% de aprovação.

Lula insiste há mais de um ano para que Pacheco seja seu candidato. Rival do bolsonarismo, mas distante da esquerda, o ex-presidente do Senado se aproximou do Planalto no mandato e se tornou figura cativa em agendas do mandatário no estado.

No entanto, desde que foi preterido pelo advogado-geral da União, Jorge Messias, para a indicação presidencial à vaga aberta no STF (após a saída de Luís Roberto Barroso), Pacheco passou a manifestar a intenção de deixar a política no fim de seu mandato parlamentar. Lula ignorou os sinais e declarou que o convenceria.

Por sua vez, o PT mineiro avaliou alternativas. Nomes de fora da política, como a reitora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Sandra Goulart, e o ex-presidente da Fiesp Josué Gomes, filho do ex-vice-presidente José de Alencar, foram cortejados, mas não empolgaram nas pesquisas.

O ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PDT) não vingou nas preferências petistas para repetir a parceria de 2022 com o partido.

Pacheco corre contra o tempo para encontrar um partido onde possa lançar a candidatura — sua atual legenda, o PSD, tem o vice-governador Matheus Simões na posição; ele não dará palanque a Lula.

No mais óbvio, um retorno ao MDB, o plano esbarra na pré-candidatura do ex-vereador Gabriel Azevedo; no União Brasil, do aliado Davi Alcolumbre, a indefinição é quanto à possibilidade de apoio do partido a Flávio no plano nacional; no PSB, que garante alinhamento a Lula, a falta de estrutura estadual pesa contra. **E**

Delação no centro das atenções

Troca de defesa, reunião no STF e pressão por segurança indicam que Daniel Vercaro avalia acordo que pode atingir políticos, magistrados e empresários



Mendonça suspendeu o acesso de parlamentares a dados extraídos do celular de Vercaro

VICTOR PIEMONTE/STF

O caso Master gera cada vez mais tensão à medida que crescem as expectativas em torno de um acordo de delação premiada do empresário Daniel Vercaro, dono do banco. Essa possibilidade passou a agitar o meio político e o empresarial. O primeiro sinal de que a delação poderá vir foi dado na sexta-feira, 13, quando Vercaro trocou sua equipe jurídica. A saída do advogado Pierpaolo Bottini, crítico de acordos de colaboração, e a entrada do criminalista José Luís Oliveira Lima indicaram uma mudança clara de estratégia. Oliveira tem histó-

rico na negociação de delações, como a do ex-presidente da OAS, Léo Pinheiro, na Operação Lava Jato.

A mudança ocorreu na própria sexta-feira, após a Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) formar maioria para manter a prisão do banqueiro na Penitenciária Federal em Brasília. A decisão aumentou a pressão sobre Vercaro e abriu caminho para uma eventual colaboração com a Polícia Federal (PF) ou com a Procuradoria-Geral da República (PGR). Há chances enormes de a delação ser acordada, como apurado pela IstoÉ.

Na segunda-feira, 16, o ministro André Mendonça, relator do caso no STF, suspendeu o acesso de parlamentares a dados extraídos da conta iCloud de Vercaro após o vazamento de mensagens privadas. No dia seguinte, a PF realizou a retirada do material da chamada “sala-cofre” do Senado.

Também na terça-feira, 17, a Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados aprovou um requerimento para reforçar a proteção de Vercaro na prisão. O pedido, de autoria do deputado Messias Donato (Republicanos-ES), foi motivado pela avaliação de que o banqueiro pode se tornar alvo dentro do sistema prisional, especialmente diante da possibilidade de delação. A preocupação aumentou após a morte de Luiz Phillipi Mourão, conhecido como “Sicário” de Vercaro, sob custódia.

A defesa de Vercaro se reuniu com Mendonça na mesma data. O encontro, solicitado por Oliveira, tratou diretamente da possibilidade de colaboração. O ministro do STF também prorrogou o inquérito da PF que investiga as fraudes no Banco Master, apuradas na Operação Compliance Zero.

Não durou um dia a remoção de dados de Vercaro da “sala-cofre”. Na quarta-feira, a Polícia Federal informou que eles foram reinseridos no sistema do Senado por solicitação da presidência da CPMI à Apple. O episódio gerou preocupação sobre a integridade da cadeia de custódia e levou o caso novamente ao conhecimento de Mendonça.

Preso desde 4 de março, quando foi alvo da terceira fase da Operação Compliance Zero, Vercaro é investigado por fraudes financeiras, concessão de créditos falsos e tentativa de compra do Banco de Brasília (BRB). Segundo a PF, ele também teria ordenado a intimidação de jornalistas, ex-funcionários e empresários, além de ter acesso prévio a informações sigilosas da investigação.

A eventual delação é vista como um ponto de inflexão. Podem ser reveladas relações com políticos, magistrados e outros agentes públicos, o que amplia o alcance do caso e eleva a pressão sobre as instituições. Mais do que um desdobramento jurídico, a colaboração pode redefinir o eixo da investigação — e o custo político do escândalo. **E**



Marina Helou, aliada de Marina Silva, deixou a Rede, acelerando especulações sobre a saída também da ministra

TURY CARVALHO

Dias difíceis

Rede Sustentabilidade vive crise interna, perde deputada estadual e pode sofrer debandada

Júlia Bleichevel

Reconhecida como partido político pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em setembro de 2015, a Rede Sustentabilidade vive uma divisão expressiva entre o grupo da fundadora da legenda, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, e a ala liderada pela ex-senadora e atual deputada federal pelo Rio de Janeiro Heloísa Helena. Esse quadro gerou desde ações judiciais internas até a saída de um nome importante do partido, a deputada estadual Marina Helou. Ela anunciou na segunda-feira, 9, seu desli-

gamento e sua filiação ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) em São Paulo.

Para entender a crise em que a Rede está mergulhada neste momento, é importante ver a gênese da divisão entre os grupos: ela ocorreu em 28 de abril de 2022, quando o senador Randolfe Rodrigues (hoje no PT) liderava a legenda. Na ocasião, ele declarou publicamente apoio à candidatura do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Porta-voz nacional do partido, Paulo Lamac pontuou que esse movimento causou profundo descontentamento no

grupo de Marina Silva. “Ela ficou muito incomodada porque, naquele momento, ela estava pré-candidata a vice do Ciro Gomes”. Outro fator provocou um racha: a falta de apoio de Heloísa Helena nesse processo.

Segundo Lamac, que é aliado da ex-senadora, o imbróglio começou antes do congresso nacional da legenda, em meio a tensões internas e acusações de tentativas de sabotagem para encarecer ou dificultar a realização do evento. “O grupo da minoria [o de Marina] usou tanto em 2023 quanto em 2025 a estratégia de tentar impedir a realização do congresso, evitando a contratação de fornecedores, como as empresas de passagens aéreas e hotéis”, disse.

Quando o congresso ocorreu, em 2023, o grupo liderado por Heloísa venceu a disputa com cerca de 55% dos votos, deixando a ala da ministra Marina com aproximadamente 45%. Na ocasião, Heloísa e Wesley Diógenes foram eleitos para a direção do partido.

Congresso municipal no Rio aprovou reforma estatutária que fortaleceu a ala de Heloísa Helena e de Paulo Lamac



DIVULGAÇÃO

Em 2024, nas eleições municipais, o clima de conflito na Rede prosseguiu. O grupo de Lamac acusou a ministra de apoiar candidaturas em Minas Gerais sem o aval da direção nacional e de redirecionar recursos eleitorais originalmente destinados a São Paulo para outras unidades da federação.

As tensões se acirraram em 2025, quando o congresso municipal da Rede no Rio de Janeiro aprovou uma reforma estatutária que concentrou poderes na Executiva Nacional, fortalecendo a turma de Heloísa. No congresso nacional, realizado em abril do mesmo ano, Lamac foi eleito porta-voz nacional com ampla maioria, consolidando a derrota da ala de Marina, que contestou o processo na Justiça. No fim do ano passado, a ministra conseguiu uma liminar anulando o congresso municipal do Rio.

Para Lamac, a derrota foi o ponto-chave para que o grupo acionasse a Justiça, o que classificou de “lawfare” (uso estratégico da justiça para fins políticos). De acordo com ele, foram abertas, pela ala adversária, diversas ações judiciais para tentar impedir posses, reuniões e decisões internas do partido. “É uma violência institucional e

um abuso de poder econômico que está sendo praticado, mas que, até o momento, não teve consequência prática. Estamos falando de pessoas que detêm mandatos, relacionamentos e estão em ministérios. É uma estratégia muito pesada de judicialização”.

Em 29 de janeiro de 2026, a Justiça confirmou a anulação do congresso ao identificar fraudes no credenciamento e na convocação do evento. Apesar disso, aliados de Heloísa Helena mantiveram as decisões internas do partido. A atual direção do partido apresentou um recurso. Segundo Lamac, “não cabe ao juiz do Rio de Janeiro ingerir num processo nacional”.

No início deste mês, enquanto a Rede Sustentabilidade renovava sua federação com o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), a crise ganhou novo capítulo com a partida de Marina Helou. A parlamentar citou “insegurança jurídica” e o que chamou de tomada autoritária do partido. Isso intensificou especulações sobre uma possível desfiliação de Marina Silva.

A saída da deputada Marina já era prevista. A parlamentar, assim como sua aliada Marina Silva, vinha sendo

sondada desde o ano passado para se filiar ao PSB. À época, Marina Helou recebeu um convite para integrar uma chapa do partido, mas optou por permanecer na Rede. A mudança só se concretizou agora, no início de março, quando a deputada aproveitou a janela partidária para deixar a legenda.

Marina Helou detalhou alguns de seus incômodos com o antigo partido — do qual é uma das fundadoras em São Paulo — e demonstrou otimismo quanto ao seu futuro ao lado de Tabata Amaral e João Campos no PSB. À reportagem, a deputada afirmou que a atual direção teria excluído a ala minoritária (o grupo da ministra) dos espaços de fala e retido repasses financeiros destinados à fundação partidária.

“Sou profundamente grata à Rede, mas é preciso que a transferência para a fundação do partido seja paga; é lei. E até hoje isso está parado por conta de uma disputa para não pagar a fundação partidária”, declarou. Ela ressaltou que seu grupo “não tem mais espaço para falar nas reuniões” e que a não retomada dos princípios e estatutos originais da legenda geraram um cenário de insegurança jurídica.

A parlamentar ainda criticou a distribuição de recursos nas eleições de 2022, dizendo que seu grupo representava 48% da executiva do partido, mas recebeu apenas 38% do fundo partidário. Na nova legenda, Marina afirmou que pretende atuar em pautas ambientais e sociais e assumir a presidência da secretaria do PSB Sustentável. E destacou que continuará alinhada politicamente à ministra, cujo futuro, seja como candidata ao Senado por São Paulo ou outro, ainda está indefinido.

Uma provável saída de Marina da Rede, que teria sido convidada a regressar ao PT (ela foi filiada ao partido entre 1985 e 2009), poderia causar uma debandada de parlamentares aliados da ministra. Ela é considerada um “polo aglutinador” na legenda. Uma eventual desfiliação poderia influenciar outros integrantes a também deixar a Rede. Paulo Lamac não endossa a saída de Marina. “Não acredito na saída da ministra, mas não posso atestar que sim ou que não. Me parece que existe um sentimento de permanência, mas isso é intuição”, declarou. **E**



Comitê de Política Monetária - COPOM

*Copom decidiu cortar juros
em 0,25 ponto percentual;
Selic ficou em 14,75%*

BETO NOCITI/BCB

Cenário de incertezas

Apesar de aumentos de risco inflacionário com conflito no Oriente Médio, Copom corta juros pela primeira vez em quase dois anos, mas em menor magnitude que o esperado e defende “cautela”

Ana Carolina Nunes

De depois de meses de espera, o mercado, enfim, recebeu a notícia de cortes de juros que tanto aguardava. Mas o cenário em que isso se deu é de incertezas em razão do conflito no Oriente Médio, deflagrado no dia 28 de fevereiro após um ataque coordenado dos Estados Unidos e de Israel sobre o Irã. O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiu nesta quarta-feira, 18, por um corte de 0,25 ponto percentual. Com isso, a Selic vai a 14,75% ao ano. A decisão foi unânime.

No comunicado, o Copom explicou que “os riscos para a inflação, tanto de alta quanto de baixa, que já se encontravam mais elevados do que o usual, se intensificaram após o início dos conflitos no Oriente Médio”. O comitê

reforçou que é preciso uma “postura de cautela em cenário de maior incerteza”.

O mercado já calculava para esta reunião, a segunda do ano, o início do ciclo de afrouxamento nos juros. Contudo, com a guerra, as projeções ficaram mais embaralhadas. Desde o início do conflito, os preços do petróleo escalaram, o que deve impactar diretamente a inflação no país.

Com isso, o corte veio em magnitude menor do que o esperado. Antes, a expectativa estava em uma redução de 0,5 ponto percentual. “Com o conflito, a cautela prevaleceu e decidiu-se pelo ritmo menor. Caso esse agravamento das tensões geopolíticas se mostre temporário, o BC deve voltar a optar por um ajuste mais rápido”, aponta análise do banco BV. “Temos a impressão

de que o BC está preocupado com os efeitos defasados da política monetária sobre uma atividade que já desacelerou e essa seria uma das razões de iniciar o ciclo de cortes”, afirma Rafael Cardoso, economista-chefe do Daycoval.

Apesar do aumento de incertezas, o comitê diz que o início do ciclo de “calibração” da política monetária era propício, “na medida em que o período prolongado de manutenção da taxa básica de juros em patamar contracionista propiciou evidências da transmissão da política monetária sobre a desaceleração da atividade econômica”.

Ainda assim, o Copom não indica no comunicado a projeção de novos cortes, apontando para que processo de decisão da taxa básica de juros deva incorporar “novas informações que aumentem a clareza sobre a profundidade e a extensão dos conflitos no Oriente Médio”.

“A escalada das tensões no Oriente Médio elevou de forma relevante a incerteza global. O comunicado também deu peso significativo aos impactos potenciais do conflito sobre a cadeia global de suprimentos e os preços de commodities. O Copom adotou uma postura equilibrada ao cumprir o guidance da reunião anterior e iniciar o ciclo de cortes, sem perder de vista o ambiente significativamente mais adverso”, avalia Helena Veronese, economista-chefe da B.Side Investimentos.

Para Marcos Freitas, analista macroeconômico da AF Invest, é possível que o Banco Central tenha realizado algum ajuste no modelo de projeção, como já ocorreu em outras ocasiões. Isso “deverá ficar mais claro apenas com a divulgação da ata da reunião”. O documento será divulgado na terça-feira, 23.

Super-Quarta

O Federal Reserve (Fed), banco central dos Estados Unidos, também teve decisão sobre juros na quarta-feira, e anunciou a manutenção da taxa no país, que segue na faixa de 3,50% a 3,75% ao ano. Esta é a primeira reunião do comitê após o início da guerra dos Estados Unidos e Israel contra o Irã. Ele cita no comunicado que o cenário permanece de “incertezas elevadas”. E afirma, para justificar a decisão, que a inflação ainda está em níveis mais altos. **E**

Café com pipoca

Grupo 3Corações compra operações da General Mills e amplia presença no setor de alimentos



O Grupo 3Corações junta a seu portfólio duas marcas tradicionais, Yoki e Kitano

O Grupo 3Corações anunciou na terça-feira, 17, a compra das operações da General Mills no Brasil por R\$ 800 milhões, em um movimento que marca a entrada mais robusta da companhia em novas categorias. A transação envolve duas marcas tradicionais do mercado nacional, Yoki e Kitano, além de estruturas de abastecimento em Pouso Alegre (MG) e Campo Novo do Parecis (MT).

A conclusão do negócio ainda depende da aprovação de órgãos reguladores. Em comunicado divulgado no dia 17, a General Mills informou que a expectativa é finalizar a operação até o

fim de 2026, após as etapas formais de análise. Com a aquisição, a 3Corações amplia significativamente seu portfólio, hoje concentrado em café, e passa a atuar em segmentos como farofas, pipocas, batata palha e temperos. Na prática, a corporação, de origem potiguar, avança em uma estratégia de diversificação que busca ocupar diferentes momentos de consumo ao longo do dia, do café da manhã ao jantar.

As marcas incorporadas têm forte presença no cotidiano dos brasileiros. A Yoki é líder em categorias como pipoca de micro-ondas, farofas e fari-
náceos, enquanto a Kitano é referência

em temperos naturais. A manutenção das marcas está prevista no acordo, com foco em expansão e integração das operações após a conclusão do negócio.

Segundo Pedro Lima, presidente do Grupo 3Corações, a aquisição representa um passo estratégico para aproximar a empresa do consumidor. “Estamos entusiasmados com a chegada de marcas tão presentes na mesa dos brasileiros. Este movimento fortalece nosso propósito de estar em diferentes ocasiões de consumo”, afirmou o executivo.

A operação também reflete uma mudança de posicionamento da companhia, que passa a disputar espaço de forma mais ampla no setor alimentício, além de consolidar sua escala industrial e logística com as novas unidades produtivas.

Para a General Mills, a venda está alinhada a uma reorganização global do portfólio, com foco em mercados e categorias considerados prioritários fora do Brasil. A multinacional informou que sua operação brasileira gerou cerca de US\$ 350 milhões em receita líquida no ano fiscal de 2025.

A companhia avalia que a transação contribuirá para otimizar seus indicadores operacionais e direcionar investimentos para plataformas globais.

Além da marca nacional 3Corações, o grupo brasileiro detém mais de 30 marcas de cafés, entre elas: Santa Clara, líder no Norte e no Nordeste, as regionais Pimpinela, Brasileiro, Fort, Iguaçu, Itamaraty, Letícia, Fino Grão, Cirol, Doutor, Divinópolis, Toko, Café Manaus, Cruzeiro, entre outras. Também comercializa filtros, porta filtros e acessórios.

A empresa tem ainda uma solução exclusiva, a Tres, que conta com um portfólio de máquinas de café e multibebidas. A companhia também atua no segmento de refresco em pó (Frisco e Tornado), achocolatado (Chocolatto), temperos e derivados de milho (Claramil, Dona Clara e Kimimo). Em 2020, ingressou em novos segmentos como leites vegetais e suplementos naturais, fruto da joint venture com a Positive Company, detentora das marcas A Tal da Castanha, Plant Power e Possible.

O negócio contou com assessoria financeira do Deutsche Bank e suporte jurídico do escritório Miguel Neto Advogados. **E**

IMAGEM GERADA POR IA

Compra pra mim?

Operações com agente de IA, agora uma realidade, elevam a conveniência de consumo a outro patamar e devem impulsionar comércio online, varejo e operadoras de cartão

Ana Carolina Nunes

Ter um assistente de compras ganhou um novo significado na semana passada. Pela primeira vez no Brasil, foi realizada uma compra online feita por um agente de IA, um sistema capaz de perceber informações, tomar decisões de forma autônoma e agir para cumprir um objetivo. O produto? Um chocolate. Consumidores já usam Inteligência Artificial no processo de compras, em geral, para pesquisar ou comparar preços. Agora, a novidade é que o teste no país, feito pela Visa em parceria com o Banco do Brasil, foi até o caixa - virtual - e realizou o pagamento.

O humano dono do cartão de crédito ainda terá de pagar, no mundo real, por essa compra. O que muda é que esse foi um importante passo para o que o varejo vem buscando há tempos: conveniência - para todos os envolvidos: vendedor, comprador e emissor e operador do cartão - e hiperpersonalização. E, lá na frente, a idéia é ver com isso a frequência e o ticket médio de compras aumentarem.

O processo começa com o consumidor vinculando seus dados a um agente de IA - como os disponíveis nas plataformas chatGPT, Gemini e Perplexity. Assim como outras funções que damos para as IAs, deve-se enviar um prompt com as orientações sobre seus desejos de consumo. Pode ser um vestido para uma festa, um livro ou um produto de uso recorrente. A IA vai localizar o item e selecionar. Por enquanto, ela primeiro vai pedir autorização para fazer o pagamento e finalizar a compra. Mas basta o consumidor dar o OK via biometria e a

compra é debitada no cartão (como nos boletos cadastrados em DDA), sem que ele precise entrar no site, logar, preencher dados e a senha e fazer essa operação de pagamento.

Segundo o relatório Tecnologias Emergentes para o Setor Bancário 2025, da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), em parceria com empresas do setor financeiro e de tecnologia, os agentes de IA então entre os pilares que sustentarão a próxima geração de serviços financeiros. E o setor brasileiro é marcado por ser pioneiro em tecnologias. “No Brasil, decidimos antecipar a experiência”, contou Leandro Garcia, diretor-executivo de soluções para pagamentos digitais da Visa, sobre o Visa Inteligente Commerce, um projeto global da operadora.

O plano é que, em um futuro próximo, a IA pule a etapa da autorização, e realize todo o processo de compra com autonomia plena. Quem pensou em um serviço como o de uma secretária ou secretário, é bem por aí. Enquanto você está naquela “reunião que poderia ter sido um e-mail”, seu agente está pesquisando, escolhendo, comparando preços e pagando seu tênis para a próxima corrida de rua.

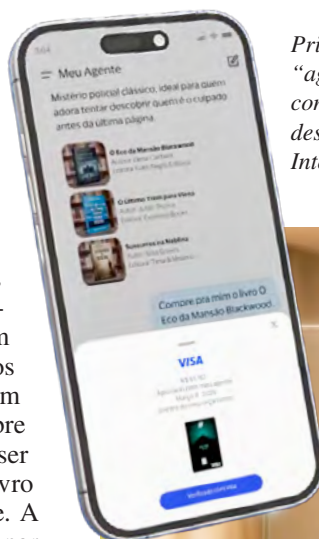
Um dos principais pontos do projeto está na segurança. Não apenas em relação à proteção de dados, mas do próprio agente de IA. Hoje, uma das fragilidades dessa tecnologia está no risco de alucinação. Imagine se, no processo, o agente compre 500 pares de tênis? Inconveniência para todos: vendedor, comprador e emissor e operador do cartão.

Por outro lado, as compras online se tornarão mais seguras, com risco de fraude e vazamentos consideravelmente reduzido. Até porque, o consumidor adiciona sua credencial (seus dados), em uma agente de IA de sua preferência - mas que tenha passado por uma certificação da operadora do cartão de crédito.

“Os pagamentos agentivos marcam um novo capítulo na evolução do comércio”, afirma Guida Sousa, vice-presidente da Mastercard para Produtos & Inovação na América Latina e o Caribe, que, assim como a Visa, desenvolveu seu sistema de “commerce agent”, o Mastercard Agent Pay.

O plano das operadoras é que, ao final deste ano, a adoção do serviço esteja massificado no país. E claro, que a IA seja consumista, mas com responsabilidade. **E**

Primeira compra “agêntica” foi feita com BB e Visa, que desenvolveu o Visa Inteligente Commerce



Finalizando ordem de compra...





Rede elétrica de Cuba entrou em colapso e deixou praticamente toda a ilha sem energia

Caos na ilha

Apagão, bloqueio de petróleo, agravamento de sanções e exigência de renúncia presidencial caracterizam ofensiva de Donald Trump contra Cuba

Luma Venâncio

Cuba atravessa um momento crítico que, mais uma vez, coloca a relação diplomática com os Estados Unidos em terreno instável. Um apagão generalizado na segunda-feira, 16, deixou praticamente toda a ilha sem energia elétrica, afetando cerca de 10 milhões de pessoas em meio a uma crise agravada pelo bloqueio de petróleo imposto pelo presidente Donald Trump.

A operadora estatal de rede elétrica anunciou que a energia estava sendo retomada em algumas regiões do país na terça-feira, 17, pouco mais de 24 horas após o colapso. Nesse tempo, Trump elevou o tom e afirmou que poderia “fazer o que quiser” com Cuba

e que seria uma “honra” assumir controle sobre a ilha. As sinalizações do presidente norte-americano ocorrem em meio a uma fase conturbada da política externa dos Estados Unidos.

Além de capturar e destituir Nicolás Maduro do comando da Venezuela em janeiro, a gestão de Trump iniciou uma empreitada contra o Irã, junto com Israel, no dia 28 de fevereiro, em uma ofensiva que matou o líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei.

O apagão que deixou Cuba às escuras é resultado de um estrangulamento energético em curso. A rede elétrica nacional entrou em colapso deixando a população sem luz, em um sistema

considerado dependente de combustível importado. Na raiz da crise está a interrupção quase total do fornecimento de petróleo — o país está há meses sem receber carregamentos regulares de combustível, após os Estados Unidos intensificarem o bloqueio energético e ameaçarem sanções contra qualquer nação ou empresa que tente abastecer a ilha.

Historicamente dependente da produção venezuelana, Cuba perdeu sua principal fonte de energia após a ofensiva americana sobre Caracas e o bloqueio de navios petroleiros destinados à ilha. Sem alternativa viável de fornecimento, o sistema elétrico — baseado



*Díaz-Canel:
agressores vão
encontrar uma
“resistência
inexpugnável”*

ALEJANDRO AZCÚY/CUBA PRESIDENCY

Ajuda internacional com itens básicos

Um comboio de ajuda humanitária começou a chegar a Cuba nesta semana, com insumos. Os primeiros carregamentos foram desembarcados na terça-feira, 17, com cinco toneladas de materiais médicos, levados por ativistas europeus. A iniciativa, organizada pela coalizão Nuestra América Convoy, prevê o transporte de mais de 20 toneladas de alimentos, medicamentos e equipamentos. Pelo mar, uma flotilha deve alcançar a ilha nos próximos dias.

A Rússia teria despachado um barco com 200 mil barris de diesel. A previsão é que aporte em Cuba no fim de semana ou na segunda-feira, 23.

O México já tinha enviado, na sexta-feira, 13, dois navios com alimentos. Novas remessas estão previstas. O Chile também participou com medicamentos.

No Brasil, o braço local da Rede Latino-Americana e Caribenha de Solidariedade a Cuba, reuniu cerca de 20 entidades para financiar mil painéis solares destinados a hospitais e escolas. Campanhas também visam arrecadar cerca de R\$ 400 mil para a compra de remédios.

majoritariamente em usinas termelétricas — entrou em colapso progressivo

O caos energético rapidamente transborda para outros setores. Sem diesel e gasolina, o transporte público e a logística de alimentos são afetados. A produção agrícola diminui, o abastecimento de água se torna irregular e hospitais passam a operar com limitações. Em muitos casos, cortes de energia ultrapassam 16 horas diárias, aprofundando o desgaste social.

A crise econômica vem acompanhada de exigências políticas. O governo dos Estados Unidos pressiona por mudanças estruturais em Cuba, incluindo a saída do presidente Miguel Díaz-Canel — herdeiro da gestão de Fidel e Raul Castro — e reformas no sistema político. Autoridades cubanas rejeitam qualquer interferência e insistem que negociações só ocorrerão com respeito à soberania nacional.

De acordo com informações do jornal The New York Times, autoridades norte-americanas deixaram claro a negociadores cubanos que não haverá progresso nas tratativas enquanto Díaz-Canel permanecer no cargo. O governo de Havana chegou a anunciar que cubanos emigrados poderão investir e abrir seus próprios negócios na ilha em

diversos setores, incluindo o bancário. Porém, segundo o secretário de Estado do governo Trump, Marco Rubio, os recados “não são drásticos o suficiente”.

A ofensiva não ocorre isoladamente e faz parte de uma estratégia mais ampla dos Estados Unidos, com destaque para as ações semelhantes na Venezuela e tensões em outras regiões. Analistas ouvidos por agências internacionais apontam que Washington tenta reafirmar controle geopolítico no hemisfério ocidental, especialmente diante da aproximação de Cuba com países como Rússia e China.

Por sua vez, o mandatário cubano foi às redes para avisar que “qualquer agressor externo” que avance sobre a ilha “encontrará uma resistência inexpugnável”. É um tom diferente do que vinha indicando, quando se percebia uma abertura para negociações. “Os Estados Unidos ameaçam publicamente Cuba, quase diariamente, de derrubar pela força a ordem constitucional. E usam um pretexto indignante: as duras limitações de uma economia debilitada que eles mesmos atacaram e tentaram isolar por mais de seis décadas”, escreveu Díaz-Canel.

Briga antiga e legado castrista

A crise atual é mais um capítulo de uma relação historicamente conflituosa. Desde a Revolução Cubana, em 1959, os Estados Unidos mantêm embargo econômico e tentativas recorrentes de isolar o regime socialista do resto do mundo. Mesmo com mudanças formais no governo, o poder em Cuba segue ligado à estrutura construída pela família Castro. Raúl se sustenta como figura de referência dentro do Partido Comunista e das Forças Armadas, instituição decisiva no controle político e econômico do país.

A continuidade também se expressa pelo neto do ex-presidente: Raúl Guillermo Rodríguez Castro — conhecido como “El Cangrejo” (O Caranguejo). Ele não ocupa cargo formal no governo de Díaz-Canel, mas é apontado como peça relevante dos bastidores e do Ministério do Interior. Relatos de órgãos de imprensa internacionais indicam ainda que “Raulito” teria atuado como interlocutor de Cuba em reuniões confidenciais com assessores de Marco Rubio. **E**

Refinaria em Haifa, Israel, foi danificada após ondas consecutivas de ataques de mísseis lançados pelo Irã



SHARON SZTROZENBERG

Guerra energética

A terceira semana do conflito no Oriente Médio tem mais uma morte no alto comando iraniano e ataques a campos de gás, intensificando efeitos econômicos sobre o mundo

Deflagrada por uma ofensiva conjunta de Estados Unidos e Israel, a guerra contra o Irã deixou de se concentrar em torno de alvos militares e passou a atingir com mais intensidade as infraestruturas energéticas do Golfo Pérsico na terceira semana de ataques. Com a escalada do conflito para o Oriente Médio, em meio a ameaças de retaliações, cresceu também os riscos de impactos maiores sobre a economia global, o que pressiona mercados e expõe fissuras entre aliados dos Estados Unidos.

Na segunda-feira, 16, o Irã sinalizou que não recuaria. O chanceler Abbas Araghchi afirmou que o país está pronto para levar a guerra “tão longe quanto for necessário”, explicitando a a estratégia de prolongar o conflito e aumentar o custo para os adversários. E os ataques se intensificaram: drones e mísseis atingiam bases americanas e alvos econômicos no Golfo, enquanto

Israel ampliava sua ofensiva dentro do território iraniano e também no Líbano, em ação contra o grupo Hezbollah – autoridades libanesas reportam mais de 900 mortes, incluindo mais de uma centena de crianças.

Um dos mais impactantes ataques ao alto comando do Irã nesta semana aconteceu na terça-feira, 17. Israel matou Ali Larijani, secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional, o principal articulador estratégico do regime iraniano. Larijani era responsável por coordenar decisões entre o aparato militar, político e de inteligência.

A resposta foi imediata. O novo líder supremo do Irã, Mojtaba Khamenei, que assumiu após a morte de seu pai no primeiro dia da guerra, reagiu publicamente. Em mensagem lida na televisão estatal, ele prestou homenagem a Larijani e prometeu vingança, afirmando que os responsáveis pelo

ataque “pagarão pelo sangue derramado”. Também defendeu o bloqueio do Estreito de Ormuz e o fechamento de bases americanas na região.

Na madrugada de quarta-feira, 18, o recado se materializou. O Irã lançou mísseis contra Israel, atingindo áreas próximas a Tel Aviv e causando a morte de dois civis. A Guarda Revolucionária classificou o ataque como uma retaliação direta e deixou claro que novas ações poderiam atingir interesses econômicos e energéticos na região.

No mesmo dia, Israel bombardeou o complexo de South Pars, no sul do Irã — o maior campo de gás natural do mundo, compartilhado com o Catar e central para a produção global de gás natural liquefeito (GNL). Ele é uma das reservas mais estratégicas do planeta, sendo essencial para suprir as demandas de Europa e Ásia.

O ataque abriu nova frente. Teerã respondeu ameaçando instalações de petróleo e gás em todo o Golfo. Horas depois, um ataque iraniano atingiu Ras Laffan, no Catar, principal polo de exportação de GNL. A Qatar Energy relatou danos extensos à planta.

O presidente dos Estados Unidos Donald Trump afirmou que o ataque a South Pars foi realizado apenas por Israel e salientou que o Catar não teve envolvimento na operação. O presidente norte-americano declarou que não haverá novos ataques de Israel contra o

complexo iraniano, a “menos que o Irã volte a atacar um país inocente, neste caso o Catar”.

O impacto foi imediato nos mercados. Também na quarta-feira, o petróleo Brent (referência internacional) subiu cerca de 4%, fechando acima de US\$ 107 o barril e chegando perto de US\$ 110 durante o dia, pressionado pelo risco de interrupção no fornecimento e pelo bloqueio do Estreito de Ormuz. Na quinta-feira, 19, chegou a atingir um pico de US\$ 119.

Diante desse cenário, os Estados Unidos se dividiram entre a escala da militar e a contenção econômica.

As destruidoras de bunkers

Os Estados Unidos recorreram a uma arma poderosa na terça-feira, 17, no entorno do Estreito de Ormuz, o canal por onde passa um quinto do petróleo transportado por mar no mundo. Trata-se da GBU-72, uma bomba de penetração profunda de 2.300 kg conhecida como “antibunker”. O ataque teve como alvo instalações subterrâneas que abrigavam mísseis de cruzeiro antinavio iranianos que representavam um risco para a navegação internacional no estreito, segundo as forças armadas norte-americanas.

A GBU-72 foi testada pela primeira vez em 2021 e é uma evolução mais letal da GBU-28. A bomba é guiada por GPS por meio do sistema JDAM, que converte munições convencionais em armamento de alta precisão, operável em qualquer condição climática. Ela é lançada por aeronaves de caça ou bombardeio e utiliza a energia cinética da queda, a partir de grande altitude, para perfurar camadas de solo e concreto antes de detonar no interior do alvo.

Esse mecanismo permite atingir bunkers e estruturas profundamente enterradas, com máxima destruição subterrânea e menor impacto na superfície.

O Estreito de Ormuz foi um argumento de Donald Trump para pressionar aliados a apoiar os ataques norte-americanos. Na quarta-feira, 18, em sua rede social, a Truth Social, ele afirmou que os Estados Unidos “não precisam do estreito” e sugeriu que países dependentes da passagem que assumam sua segurança.



Israel matou Ali Larijani, do Conselho Supremo de Segurança Nacional, um dos homens fortes do regime iraniano

Trump pressionou aliados a apoiar a segurança da rota, criticou países que recusaram ajuda e chegou a afirmar que não precisa de ninguém, ao mesmo tempo em que sugeriu dividir a responsabilidade pela proteção marítima.

A Alemanha deu a medida da resistência às propostas de Trump. O premiê Friedrich Merz, após visita recente a Washington, recuou em seu posicionamento e afirmou na segunda-feira, 16, que o país não participará da guerra nem de operação em Ormuz. O governo declarou que o conflito não é da Otan, posição acompanhada por França e Reino Unido.

Paralelamente, Trump avaliava ampliar a presença militar, incluindo envio de tropas e ações terrestres em áreas estratégicas como a ilha de Kharg, responsável por grande parte das exportações iranianas de petróleo.

Em meio a isso, Josepha Kent, então diretor do Centro Nacional de Contraterrorismo, renunciou ao cargo. Na terça-feira, 17, ele disse em uma carta que a decisão se dava em protesto contra a guerra. Conforme divulgado pela imprensa dos Estados Unidos, o texto direcionado a Trump dizia que o Irã “não representava uma ameaça imi-

nente contra nossa nação, e está claro que iniciamos esta guerra por causa da pressão de Israel e de seu poderoso lobby nos Estados Unidos”. A imprensa reportou posteriormente que o diretor, um ex-militar, estaria sendo investigado pelo FBI por supostos vazamentos de informações confidenciais.

Para tentar conter os efeitos econômicos internos, Trump suspendeu na quarta-feira, 18, por 60 dias, a Lei Jones, de 1920, que restringe o transporte marítimo doméstico a navios norte-americanos. A flexibilização permite o uso de embarcações estrangeiras, ampliando a oferta de petróleo como forma de conter o aumento de preços.

No dia seguinte, Trump elevou o tom. Em uma postagem inflamada na rede Truth Social, ameaçou “explodir maciçamente” a infraestrutura de gás do Irã caso o regime de Teerã não cesse os ataques contra o Catar. Na quinta-feira, 19, uma refinaria em Haifa (Israel) foi danificada por estilhaços após várias ondas consecutivas de mísseis lançados pelo Irã.

O quadro da terceira semana indica que, enquanto a guerra se intensifica no campo militar, seus efeitos econômicos exigem respostas emergenciais. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Equador

Governo rebate acusação de bombardeio feita pela Colômbia

O presidente do Equador, Daniel Noboa, negou na terça-feira, 17, ter realizado ataques em território colombiano e classificou como "falsas" as acusações do presidente da Colômbia, Gustavo Petro. No dia anterior, Petro afirmou que uma bomba foi encontrada perto da fronteira e mencionou 27 mortos. Noboa admitiu operações militares, mas disse que ocorreram apenas no Equador, como parte da ofensiva do governo contra o narcotráfico. O episódio elevou a tensão entre os dois países.

Peru

Candidato à presidência morre em acidente

O candidato à presidência do Peru, Napoleón Becerra, do Partido dos Trabalhadores e Empreendedores (PTE), morreu no domingo, 15, após o carro em que estava capotar perto de Ayacucho, no sul do país. Segundo autoridades locais, o político, de 61 anos, seguia para um comício quando ocorreu o acidente, cujas causas estão sob investigação. Becerra ocupava posições inferiores nas pesquisas para a eleição de 12 de abril. O órgão eleitoral peruano lamentou a morte e informou que três pessoas ficaram feridas.

Argentina

Cristina Kirchner diz que pode morrer presa

A ex-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, afirmou, na terça-feira, 17, que pode "morrer na prisão", alegando perseguição judicial durante julgamento por corrupção ligado a contratos de obras públicas. Em audiência em Buenos Aires, ela chamou juízes e promotores de "mafiosos" e criticou o sistema judicial. Cristina cumpre prisão domiciliar desde junho de 2025, após condenação por fraude. O caso dos "Cadernos", como é conhecido, investiga um esquema de propinas entre empresários e políticos. A ex-presidente nega as acusações sobre as quais aponta motivação política.

Hungria

Perto de eleições, protestos reúnem milhares de pessoas

Milhares de pessoas foram às ruas no domingo, 15, data do feriado que marca a Revolução Húngara de 1848. De um lado, manifestantes convocados pelo primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, e de outro, os chamados pelo líder da oposição, Peter Magyar, em Budapeste. A um mês das eleições de 12 de abril, ambos trocaram acusações de interferência estrangeira. Orbán afirma que o rival é apoiado por União Europeia e Ucrânia; Magyar acusa o premiê de proximidade com a Rússia.



Itália

Cidade "proíbe" nascer, morrer e casar

A prefeitura de Caino, cidade de cerca de dois mil habitantes no norte da Itália, afixou, na segunda-feira, 17, um aviso inusitado "proibindo" nascer, morrer e casar. A medida simbólica foi adotada pelo prefeito para denunciar a falta de funcionários no cartório local, responsável por registrar esses atos. Segundo ele, a placa é um protesto e será retirada. O município perdeu mais da metade da equipe nos últimos anos e hoje opera com quatro servidores. A prefeitura planeja abrir vaga conjunta com cidade vizinha em abril.

Afeganistão

Ataque deixa 400 mortos antes de cessar-fogo

Milhares de pessoas foram às ruas no domingo, 15, data do feriado que marca a Revolução Húngara de 1848. De um lado, manifestantes convocados pelo primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, e de outro, os chamados pelo líder da oposição, Peter Magyar, em Budapeste. A um mês das eleições de 12 de abril, ambos trocaram acusações de interferência estrangeira. Orbán afirma que o rival é apoiado por União Europeia e Ucrânia; Magyar acusa o premiê de proximidade com a Rússia.

Canetinha no SUS

Ozempic chega ao sistema público no Rio por ação da prefeitura; em outro movimento, Novo Nordisk planeja fornecer o remédio a três cidades no Brasil

As canetinhas emagrecedoras ficaram famosas no mundo todo. Apesar de toda a popularidade, muita gente não tinha condições de seguir o tratamento pelo custo. Mas agora uma delas chegou à cidade do Rio de Janeiro via SUS. Na quarta-feira, 18, o prefeito Eduardo Paes (PSD) aplicou uma dose de Ozempic — nome comercial da semaglutida produzida pelo laboratório Novo Nordisk — em uma mulher de 69 anos que está em um grupo de pacientes que irá tratar a obesidade no recém inaugurado Super Centro de Saúde, em Campo Grande.

Neste primeiro momento, serão atendidas 320 pessoas selecionadas pelo Centro Especializado em Obesidade e Metabolismo, que funciona no novo espaço. Os pacientes têm IMC acima de 40 e comorbidades associadas. A prefeitura explica que, após três meses, o atendimento deverá ser estendido às clínicas da família da cidade, ampliando o alcance para 10 mil pessoas.

Foram compradas as canetinhas da Novo Nordisk em um volume pequeno para que a Secretaria Municipal de Saúde avalie como será o protocolo de tratamento da obesidade. Estão previstas cerca de 300 doses por mês, que serão aplicadas no Centro.

“O objetivo principal dessa cooperação técnica é criar condições para que a equidade de acesso seja ampliada, e gerar evidências de políticas públicas, para que esse modelo de cuidado integral e multidisciplinar às pessoas com obesidade seja replicável em escala cada vez maior no SUS”, declarou o head de parcerias institucionais do Novo Nordisk, Conrado Carrasco.

Passado esse primeiro período de atendimento, a prefeitura promoverá uma licitação para a aquisição de mais medicamentos. O detalhe é que, talvez, os termos para a compra sejam outros.

Explica-se: na sexta-feira, 20, venceu a patente da semaglutida no Brasil. Assim, outros laboratórios poderão produzir a substância — que também é o princípio ativo do Wegovy (também do Novo Nordisk).

Ao menos 14 pedidos de registro de genéricos ou similares aguardam aprovação da Anvisa. EMS, Biommm e União Química aparecem nas primeiras posições da fila e deverão receber aprovação primeiro para comercializar versões mais baratas do medicamento.

Com isso, cresce a expectativa de que novos remédios estejam disponíveis em breve no SUS. O Ministério da Saúde já informou ter solicitado à Anvisa prioridade no registro de medicamentos à base de semaglutida. “Com a entrada de novos medicamentos genéricos no mercado e aumento da concorrência, os preços devem cair de forma significativa — estudos apontam que os genéricos induzem queda de 30% nos preços. Esse é um fator determinante para a análise da possível incorporação de uma nova tecnologia ao SUS”, declara o órgão.

Apesar de não confirmar planos de incluir a semaglutida no SUS, o ministério informa que “realiza o monitoramento constante do panorama de propriedade intelectual de fármacos essenciais, como antineoplásicos e biotecnológicos, para subsidiar o planejamento de compras e as estratégias de incorporação tecnológica”.

O Novo Nordisk tem um projeto que levará Ozempic para o SUS em três cidades brasileiras. É o Programa Global de Acesso Equitativo, firmado junto com a Dinamarca. A iniciativa será implementada em centros selecionados da rede de saúde com o objetivo de produzir dados e evidências sobre o impacto do uso da semaglutida no tratamento da obesidade grave.

Duas parcerias já foram fechadas: Grupo Hospitalar Conceição (RS) e Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione (RJ). Ainda está para ser anunciada a terceira cidade. Cada instituição irá definir a data de início do projeto. O laboratório irá fornecer apoio para as entidades durante dois anos. **E**

Colaborou Matheus Almeida



Eduardo Paes aplicou uma dose em uma paciente do novo centro

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Uma orientação para evitar contaminações é usar tábuas e utensílios diferentes para alimentos crus e para os cozidos

UNSP/ASHLOUIS HANSEL

Perigo à mesa

Maioria das intoxicações alimentares no país começa em casa; estudo nacional revela que hábitos como lavar frango elevam o risco de surtos bacterianos

A segurança alimentar no Brasil enfrenta um desafio invisível que reside não nos estabelecimentos comerciais, mas no centro da rotina das famílias: a cozinha doméstica. Um mapeamento rigoroso realizado pelo Centro de Pesquisa em Alimentos (FoRC), apoiado pela Fapesp, revela que práticas culturais inadequadas de manuseio e armazenamento são as principais causas de Doenças Transmitidas por Alimentos (DTA).

Embora o Brasil apresente um índice de 90,9% de acesso ao saneamento básico, a saúde permanece como uma das três maiores preocupações para 45% dos brasileiros, evidenciando que a infraestrutura técnica não anula os riscos decorrentes de falhas comportamentais. A pesquisa mostrou que 46,3% dos consumidores admitem o hábito de lavar carnes na pia, prática que dissemina bactérias pelo ambiente. Outra prática, o descongelamento

em temperatura ambiente, é comum em 39,5% dos lares, mas ela favorece a multiplicação acelerada de patógenos.

De acordo com o mapeamento, apenas 37,7% da população adotam solução clorada (hipoclorito de sódio) para higienizar vegetais, preferindo métodos ineficazes como o uso apenas de água ou vinagre. O consumo de ovos crus ou malcozidos é realidade para 17,4% dos entrevistados, elevando o risco de infecções por *Salmonella*.

Conduzida em parceria com a Esalq/USP, a pesquisa destaca que a falta de informação técnica é o catalisador de surtos bacterianos. A contaminação cruzada — quando micro-organismos de um alimento cru são transferidos para utensílios ou alimentos prontos — é amplificada pelo erro de lavar proteínas animais sob água corrente. O vapor e os salpicos projetam bactérias para superfícies que o consumidor considera limpas.

Esse cenário de vulnerabilidade doméstica dialoga com a percepção pública de crise no setor de saúde. No Brasil, as falhas na prestação de serviços na área são apontadas espontaneamente como um problema crítico, sugerindo que a população reconhece a fragilidade do sistema, mas ainda subestima o impacto de seus próprios hábitos de higiene na prevenção de interações.

Um dos dados mais alarmantes para os pesquisadores é exatamente a utilização de vinagre como desinfetante para hortaliças. Praticado por 18,8% dos lares, o método é reprovado pela ciência, pois o produto não possui o poder bactericida necessário para eliminar parasitas e bactérias. A recomendação padrão-ouro continua sendo a imersão em água com hipoclorito de sódio.

Segundo o estudo, a infraestrutura de saneamento disponível em grande parte do território nacional é um pilar de prevenção, mas a segurança alimentar plena depende da reeducação do consumidor sobre o manejo correto da temperatura e da higiene cruzada. **E**

Regras para o preparo seguro de alimentos

Para mitigar os riscos identificados na cozinha, especialistas sugerem a adoção de protocolos rígidos de manipulação.

- **Cozimento total:** é o único método capaz de eliminar bactérias presentes em carnes. Jamais lave o frango ou outras proteínas.
- **Cadeia de frio:** o descongelamento deve ocorrer exclusivamente dentro do frigorífico ou deve ser feito no micro-ondas. Nunca deixe o produto descongelar sobre bancadas.
- **Higiene seletiva:** utilize tábuas e outros utensílios diferentes para alimentos crus e cozidos.
- **Desinfecção química:** vegetais consumidos crus exigem lavagem com hipoclorito de sódio; a água corrente apenas remove sujeira aparente, não micro-organismos.

O prestígio azedou

O chef dinamarquês René Redzepi, do renomado Noma — eleito cinco vezes o melhor restaurante do mundo —, deixa o comando da empresa após denúncias de assédio moral e agressões físicas



e terminando em junho. Cada jantar, de acordo com a divulgação, sairia por US\$ 1.500 por pessoa e seria atendido cerca de 42 convidados por noite. Seis dias depois se iniciaram as reservas. E elas se esgotaram em 60 segundos (algumas fontes alegam que levou mais alguns minutos).

Para colocar esse projeto em pé, o ritmo implantado foi insano. Em meados de fevereiro começaram a pipocar as denúncias. Um ex-funcionário passou a divulgar nas redes sociais histórias e acusações de seus antigos colegas. Isso chamou a atenção do New York Times, que publicou relatos que falavam de jornadas intermináveis e punições públicas, fora as humilhações — alguns com histórias ocorridas em outros anos, como gritos e inclusive socos em funcionários (há tempos, correm pelos bastidores casos de abusos cometidos pelo chef).

Foi nesse clima que o projeto temporário de Los Angeles foi inaugurado. Instalado em uma mansão que pertenceu um astro do cinema mudo, o restaurante abriu suas portas com protestos acontecendo no lado externo. Convidados chegavam à luxuosa propriedade para os primeiros serviços do jantar, enquanto um pequeno grupo de manifestantes exibia cartazes como “Sem estrelas Michelin para a violência”. Os relatos levaram patrocinadores a desistirem do projeto — um deles foi a American Express.

Horas depois da abertura do que deveria ser uma grande noite para Redzepi, o chef fez o post em que renunciou a seus postos, em uma mensagem acompanhada por um vídeo em que ele fala com os funcionários da casa. “Tenho trabalhado para ser um líder melhor, e o Noma deu grandes passos ao longo de muitos anos para transformar sua cultura. Reconheço que essas mudanças não repararam o passado. Um pedido de desculpas não é suficiente”, admitiu. Ele explicou que o atual time do Noma em Los Angeles seguirá tocando o projeto. “A missão futura do Noma é continuar explorando ideias, descobrindo novos sabores e imaginando no que a comida pode se transformar nas próximas décadas. O Noma sempre foi maior do que qualquer pessoa. E este próximo passo honra essa convicção”, completou. **E**

A história se parece com a de um filme — ou série. Mas é real. Festejado no universo da gastronomia como um dos chefs mais talentosos do mundo, o dinamarquês René Redzepi obteve reconhecimento graças ao seu restaurante Noma, de Copenhague, que recebeu três Estrelas Michelin e foi eleito cinco vezes o Melhor do Mundo pelo prêmio The World’s 50 Best. Todo esse brilho escorreu pelo ralo. Mais de 30 ex-funcionários do Noma denunciaram o requintado cozinheiro, com relatos de assédio moral, violência psicológica e até agressões físicas, trazidos à tona pelo jornal The New York Times.

O resultado de tamanha exposição: Redzepi assumiu responsabilidade por parte das acusações e pediu desculpas no Instagram. “Não fui capaz de lidar

com a pressão; pequenos erros pareciam enormes para mim e reagi de maneiras das quais me arrependo profundamente hoje”, escreveu. E comunicou, na quinta-feira, 12, seu desligamento do restaurante, que abriu em 2003, e também da fundação MAD, entidade sem fins lucrativos que criou há 15 anos para capacitar a próxima geração de profissionais da indústria alimentícia por meio de cursos, eventos e programas.

Fechado como um estabelecimento físico no fim de 2024 para dar lugar a novos projetos sob a mesma marca, na Dinamarca e em outros países, o Noma lançou uma casa temporária em Los Angeles na quarta-feira, 11. No dia 20 de janeiro deste ano, foi comunicada a residência na cidade, uma temporada de 16 semanas, começando em março

YUYA SHINO

Temporada encurtada

Conflito no Oriente Médio leva F1 a cancelar duas provas, no Bahrein e na Arábia Saudita; no GP da China, um recorde foi quebrado

A temporada 2026 da Fórmula 1 já começou marcada por profundas mudanças. E agora vem mais outra. A Federação Internacional de Automobilismo (FIA) confirmou no sábado, 14, o cancelamento dos GPs do Bahrein e da Arábia Saudita, que estavam marcados para abril, em razão da escalada do conflito no Oriente Médio após ataques coordenados de Estados Unidos e Israel ao Irã. A guerra começou no dia 28 de fevereiro e não dá sinais de arrefecimento. Com a decisão, o campeonato terá 22 corridas, duas a menos que o planejado inicialmente.

De acordo com a FIA, a medida foi tomada após avaliações de segurança

e em consulta com promotores locais. Embora alternativas tenham sido analisadas, a resolução foi de não substituir as provas. Além da Fórmula 1, as etapas da Fórmula 2, da Fórmula 3 e da F1 Academy que ocorreriam no período também foram suspensas.

O cancelamento das provas cria um hiato incomum no campeonato. Após o Grande Prêmio do Japão, no último fim de semana de março, a categoria ficará mais de um mês sem corridas. O circo retorna no dia 3 de maio, no GP de Miami. O fechamento do espaço aéreo em parte do Golfo Pérsico já vinha afetando a logística das equipes desde a abertura da temporada, na Austrália, e

chegou a provocar alterações nas rotas de viagem e interrupção de testes de pneus de algumas escuderias.

Um dia depois do ajuste do calendário, as atenções dos fãs da F1 se voltaram para um surpreendente protagonista neste começo de temporada. No domingo, 15, o Grande Prêmio da China, disputado no Circuito Internacional de Xangai, terminou com a vitória do italiano Kimi Antonelli, da Mercedes. Com apenas 19 anos, ele venceu a corrida depois de largar na pole position. Foram dois feitos no GP: o piloto mais jovem a conquistar a primeira posição na largada e o segundo mais jovem na história da categoria a vencer uma corrida – o recorde pertence a Max Verstappen, que subiu ao lugar mais alto do pódio no GP da Espanha de 2016 quando estava com 18 anos. Antonelli quebrou também um jejum importante: tornou-se o primeiro italiano a vencer um GP de F1 desde Giancarlo Fisichella, que triunfou no Grande Prêmio da Malásia de 2006 com a Renault.

O jovem piloto da Mercedes terminou a prova à frente do companheiro de equipe George Russell, segundo colocado, e do heptacampeão Lewis Hamilton, que conquistou seu primeiro pódio na Ferrari. A vitória de Antonelli fez com seu nome fosse dos mais comentados do início da temporada. “É um ponto de partida para construir algo maior”, afirmou após a corrida. O italiano observou, porém, que a disputa pelo título será difícil.

No campeonato, Antonelli aparece na segunda posição, com 47 pontos, atrás de Russell, líder com 51. A Ferrari está logo atrás com Charles Leclerc e Hamilton. Oliver Bearman, da Haas, completa o grupo dos cinco primeiros colocados.

Para o Brasil, a etapa chinesa foi frustrante. Gabriel Bortoleto, da Audi, sequer conseguiu largar por causa de um problema mecânico detectado antes da bandeira verde. O paulista havia se classificado em 16º no grid. Depois da corrida, lamentou o desfecho, dizendo que a equipe tinha condições de brigar por pontos em Xangai. O brasileiro vinha de um começo promissor, com o nono lugar na Austrália e os primeiros pontos da história da Audi na Fórmula 1. **E**



Com 19 anos, o italiano Kimi Antonelli, da Mercedes, é o mais jovem piloto a conquistar uma pole; ele venceu a prova em Xangai

ANDY WONG/REUTERS

Tempestade brasileira potencializada

País terá dez surfistas no Circuito Mundial: é o maior time da temporada. E quatro deles são campeões

O surfe mundial inicia mais uma temporada com o Brasil no centro da disputa. A elite do esporte volta para as ondas no início de abril, quando começa o Championship Tour (CT), o circuito mundial organizado pela World Surf League (WSL), que reúne os melhores surfistas do planeta. Na corrida pelo título deste ano estão dez brasileiros. A primeira etapa será na Austrália, com a janela de competição de 1º a 11 de abril.

Ao longo do ano, os surfistas disputam etapas em diferentes países, acumulando pontos no ranking até a definição do campeão mundial. No CT 2026, o Brasil terá, entre seus dez atletas (nove do masculino e uma do feminino), quatro campeões mundiais no time masculino.

Desde 2014, os brasileiros têm se mantido como uma equipe potente no

calendário da WSL. Afinal, conquistamos oito dos últimos 11 títulos mundiais no masculino, ciclo que ficou conhecido como “Brazilian Storm” (tempestade brasileira, em português).

Um dos principais nomes dessa geração é o do paulista Gabriel Medina, tricampeão mundial (2014, 2018 e 2021). Outro surfista do litoral paulista (de Ubatuba) é Filipe Toledo, bicampeão mundial (2022 e 2023). O potiguar Ítalo Ferreira brilhou em 2019 e arrematou a taça.

No ano passado, o título veio pelo catarinense Yago Dora. O único brasileiro campeão fora da disputa é Adriano de Souza, o Mineirinho, que venceu em 2015 e que está aposentado desde 2021.

Além deles, o país será representado por João Chianca, do Rio de Janeiro (RJ); Miguel Pupo, de Ita-

nhaém (SP); e Alejo Muniz, nascido na Argentina, mas criado em Bombinhas (SC). As últimas vagas brasileiras foram definidas na etapa final da Challenger Series, divisão de acesso. A competição foi encerrada no domingo, 15, em Merewether Beach, em Newcastle, na Austrália.

Mais dois atletas se juntaram ao time: Samuel Pupo, de São Sebastião (SP), garantiu retorno à elite do surfe; e Mateus Herdy, de Florianópolis (SC), conquistou pela primeira vez uma vaga entre os melhores surfistas do mundo.

No campeonato feminino, o Brasil contará com Luana Silva, nascida no Havaí, filha de brasileiros. Já Tatiana Weston-Webb, vice-campeã mundial em 2021, não disputará a temporada após o nascimento de sua primeira filha.

Com seus nove atletas no circuito masculino, o Brasil terá um representante a menos em comparação a 2025, mas, ainda assim, continua na frente da Austrália. O Brazilian Storm desta vez terá Gabriel Medina, Ítalo Ferreira, Filipe Toledo, Yago Dora, João Chianca, Miguel Pupo, Alejo Muniz, Samuel Pupo e Mateus Herdy. **E**

Mateus Herdy conquistou a última vaga

Confira as 12 etapas do mundial da WSL

Bells Beach, Victoria (Austrália)
- 1º a 11 de abril

Margaret River, Western Australia (Austrália) - 16 a 26 de abril

Snapper Rocks, Queensland (Austrália)
- 1º a 11 de maio

Raglan, Ilha Norte (Nova Zelândia)
- 15 a 25 de maio

Punta Roca, La Libertad (El Salvador)
- 5 a 15 de junho

Saquarema, Rio de Janeiro (Brasil)
- 19 a 27 de junho

Teahupo'o, Taiti (Polinésia Francesa)
- 8 a 18 de agosto

Cloudbreak, Tavarua (Fiji) - 25 de agosto a 4 de setembro

Lower Trestles, San Clemente, Califórnia (Estados Unidos) - 11 a 20 de setembro

Surf Abu Dhabi, Abu Dhabi (Emirados Árabes Unidos) - 14 a 18 de outubro*

Peniche (Portugal) - 22 de outubro a 1º de novembro*

Banzai Pipeline, North Shore de Oahu, Havaí (Estados Unidos) - 8 a 20 de dezembro**

* Disputada com número reduzido de surfistas após o corte de meio de temporada.

** Banzai Pipeline recebe o Pipe Masters, uma das competições mais tradicionais do surfe mundial



HANNAH ANDERSON

O condomínio Riio By Piero Lissoni ocupa um dos últimos terrenos em frente ao mar que estava livre na Barra



Modernismo à beira-mar

Em um terreno que foi disputado a peso de ouro, a Tegra ergue condomínio de luxo na Barra da Tijuca com a assinatura do arquiteto italiano Piero Lissoni, um dos principais nomes do design minimalista europeu

*Lena Castellón, do Rio de Janeiro**

O Rio de Janeiro é uma metrópole complicada, e um verdadeiro paraíso. Dessa maneira, o designer e arquiteto italiano Piero Lissoni referiu-se à cidade maravilhosa onde nos próximos anos será erguido um projeto tão ambicioso quanto requintado e sobre qual está sua assinatura. O Riio By Piero Lissoni, um condomínio de altíssimo padrão com nove torres residenciais de seis andares, é um empreendimento em construção que faz parte de uma parceria de exclusividade do estúdio italiano com a Tegra que prevê 11 obras. A maioria em São Paulo. O Riio nasce na Barra da Tijuca, diante do mar.

Como se trata de um projeto de requinte, vale ressaltar que o luxo começa pelo terreno que ocupa, o que pode soar inusitado. É que o condomínio está sendo construído em uma área de 30 mil metros quadrados que representava um dos últimos espaços disponíveis da Barra em frente à praia, na avenida Lúcio Costa. Localizada no posto 6, essa

imensidão, com vegetação virgem e sem nenhuma obra antes, pertencia ao banqueiro Aloysio de Andrade Faria, que foi acionista controlador do Conglomerado Alfa, que reúne o Banco Alfa e a rede de hotéis Transamérica, entre outras empresas. Consta que tinha a ideia de erguer um hotel ou um shopping center. Morreu em 2020, aos 99 anos, e o terreno foi posto à venda pelas herdeiras. Quando a Tegra conseguiu comprá-lo, em 2023, por R\$ 370 milhões, houve festa na incorporadora. Pelo que dizem os especialistas do mercado imobiliário, foi o terreno mais disputado do Rio em décadas.

Hoje, há um estande de vendas com dois apartamentos decorados e lançados no fim de fevereiro, além de uma que ocupa uma sala inteira. O espaço traz um pouco do conceito de luxo e sofisticação da Lissoni & Partners para o Riio. Os projetos do estúdio, que tem escritórios em Milão e Nova York, incluem outras vertentes do trabalho de

Lissoni, que é um dos principais nomes do design minimalista europeu. Ele também atua como diretor de arte de algumas marcas de decoração, mobiliário e até de lifestyle. Os apartamentos já trazem móveis criados por ele.

O Riio tem 132 residências em nove blocos, incluindo coberturas lineares de até 1.042 m². O projeto tem um Valor Geral de Vendas (VGV) de R\$ 1,8 bilhão. As metragens — e os preços — variam conforme a torre. Um apartamento de 263m² da Luce, na parte mais ao fundo do condomínio, com quatro suítes e três vagas na garagem, tem custo de R\$ 7,9 milhões. Já no Sole, o bloco de frente ao mar, uma unidade de 506 m², com cinco suítes e cinco vagas, tem valor médio de R\$ 27,9 milhões.

Duas torres estão de frente para a praia, Sole e Mare, cada um com dez residências. Antes do lançamento dos apartamentos decorados, boa parte delas já estava negociada. Inclusive uma das coberturas (no valor de R\$ 50 milhões).

Apartamentos decorados no estande de vendas mostram o design e móveis criados pelo estúdio italiano



ARTHUR DUARTE

Já que o terreno nunca tinha abrigado nada antes, erguer um projeto residencial naquele local é como ter uma tela em branco. O que significa isso para quem desenvolve o projeto? “É uma responsabilidade horrível”, disse Lissoni. “Quando comecei a projetar, fiquei assustado. É preciso ter consciência ao projetar, porque você constrói algo que ficará lá. Eu apenas tento ser moderno. Se preciso restaurar um prédio histórico, sou muito bom nisso, mas, para criar algo, você precisa ser moderno”. Lissoni estudou muito a cidade até entregar seu projeto modernista. “Tentei entender o Rio, que é uma das cidades mais complicadas do mundo. Não por ser complexa em si, mas pelas suas qualidades: o mar, as montanhas próximas... É impossível projetar uma cidade ‘normal’. Você precisa se adaptar à natureza”.

De fato, as belezas naturais se misturam com o espaço urbano. E tem trânsito, lembrou ele. O que causa barulho e estresse. No Riio, os carros não vão circular pelo miolo do condomínio. A área comum central será dedicada ao lazer, ao descanso e à contemplação, com jardins e paisagismo com espécies nativas. Os veículos vão acessar cada bloco pelo subsolo, que também será tratado com beleza e cuidado. Uma rua lateral interna permitirá deslocamentos pelo terreno. Mas no coração do condomínio a ideia é circular em paz.

No Riio, existirão sete piscinas. Uma delas é chamada de “quiet”, para proporcionar ambiente mais silencioso para quem quer treinar. Outra é classificada

como “família”. Haverá uma aquecida, uma infantil e três privadas, um espaço menor para que o morador possa desfrutar de momentos de relaxamento com grupo pequeno. Uma piscina estará ao lado de um restaurante que será instalado no local. O plano contempla três bares: um para vinhos, outro para uísque e um piano bar. Há áreas de fitness e uma academia sob comando da Companhia Athletica. Quadras poliesportivas, claro, não faltam. E também está previsto um espaço wellness, com saunas, salas de massagens e salão de beleza.

O projeto, que será entregue em 2029, tem seus apartamentos, todos avarandados, voltados para o mar ou para o interior do condomínio, ou para o campo de golfe que existe ao lado, conectado ao condomínio Golden Green,

um referencial de alto padrão na Barra de Tijuca e que agora fará vizinhança ao conceito de luxo de Lissoni.

Por sinal, outro condomínio que se destaca pelo design, o Atto by Pininfarina, parceria entre a Origem Incorporadora e a Pininfarina, estúdio italiano de design ligada à Ferrari, fica perto. O projeto foi lançado no ano passado e também está em construção.

Em São Paulo, Lissoni — que é admirador das obras de Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi, Isay Weinfeld, Márcio Kogan e Irmãos Campana — já tem um projeto, Capiitolo, que fica na Chácara Kablin. É uma torre de 96 apartamentos, com metragens que variam de 210 m² a 345 m², incluindo unidades garden e duplex — todas com quatro suítes e até quatro vagas de garagem. O VGV desse empreendimento é de cerca de R\$ 450 milhões. E qual o desafio de criar um condomínio residencial na capital paulista? “São Paulo é uma megalópole de 20 milhões de pessoas cheia de torres, torres e mais torres. Mas está mudando muito. Quando estive lá há 10 anos, era uma cidade; agora é outra, mais moderna, rápida e poderosa”, analisou. Para a capital paulista, a proposta é outra. “Nosso objetivo com a Tegra foi oferecer algo europeu. Quando digo europeu, falo da capacidade de combinar influências. Queremos usar nosso design e os designers brasileiros, e também combiná-los com peças chinesas, objetos da África, da América do Norte, Escandinávia e Itália”. **E**

**A jornalista viajou a convite da Tegra*

DIVULGAÇÃO

Lissoni projetou amplo espaço de lazer e descanso, com jardins e paisagismo com espécies nativas



Para entender o que é um carro híbrido

Apesar da popularização, os modelos ainda geram confusão no público; afinal, quais as diferenças entre MHEV, HEV, PHEV, EREV e super híbridos?

Lucca Mendonça



O Fiat Pulse Impetus T200 Hybrid é um modelo MHEV



Leapmotor C10 EREV (ou REEV)

Os carros híbridos, que mesclam combustão e eletricidade, ganharam espaço no Brasil e já são realidade em várias faixas de preço. Mas, apesar da popularização, ainda existe confusão sobre os diferentes tipos de sistemas disponíveis no mercado. MHEV, HEV, PHEV, EREV e os chamados super híbridos aparecem nas fichas técnicas, porém nem sempre o consumidor entende o que muda na prática.

Para saber qual tecnologia faz mais sentido para o seu uso, confira as diferenças de cada modelo.

MHEV

Quando se fala de carros híbridos MHEV, o foco está nos chamados Mild Hybrid Electric Vehicle, ou híbridos leves. Nesse caso, o motor elétrico não é capaz de movimentar o automóvel sozinho. Ele apenas auxilia o motor a combustão em momentos como arrancadas e retomadas, além de assumir funções auxiliares para melhorar a eficiência. Normalmente, os MHEV utilizam sistemas de 12V ou 48V e substituem alternador e motor de partida por um gerador mais robusto. O resultado é uma leve redução no consumo de combustível, mas sem possibilidade de rodar no modo totalmente elétrico. Entre os carros híbridos, é o nível mais simples de eletrificação.

HEV

Já os carros híbridos HEV, sigla para Hybrid Electric Vehicle, permitem que o motor elétrico movimente o veículo sozinho, ainda que por curtas distâncias e em baixas velocidades. O sistema alterna automaticamente entre motor a combustão e elétrico, ou combina os dois para maximizar eficiência. A bateria é recarregada por regeneração de energia nas frenagens e pelo próprio motor a combustão, dispensando tomada. Um dos maiores exemplos desse tipo de tecnologia é o sistema da Toyota, referência mundial em carros híbridos convencionais. A vantagem está na economia, principalmente no uso urbano, sem mudança de rotina. A limitação é a autonomia elétrica reduzida.

PHEV

Dentre os veículos híbridos plug-in, conhecidos como PHEV, a principal

FOTOS DIVULGAÇÃO



O BYD Song Plus 2026 é um SUV do tipo PHEV

diferença é a presença de uma bateria maior e a possibilidade de recarga externa. A sigla significa Plug-in Hybrid Electric Vehicle. Nesses modelos, a autonomia no modo elétrico pode variar entre 30 km e 100 km, dependendo do projeto. Para quem roda pouco por dia e tem ponto de recarga, é possível usar o carro quase como um elétrico no cotidiano. Quando a bateria acaba, o veículo funciona como um híbrido convencional. O ponto forte dos carros híbridos PHEV é a versatilidade, mas o preço costuma ser mais alto e a eficiência máxima depende de recargas frequentes.

EREV

Outro tipo menos comum, mas tecnicamente interessante é o EREV, ou Extended Range Electric Vehicle (ou REEV, dependendo da marca). Nesse sistema, as rodas são sempre movidas pelo motor elétrico. O motor a combustão não traciona o carro em nenhum momento, atuando apenas como gerador para produzir energia e recarregar a bateria quando necessário. A sensação ao dirigir é de um carro elétrico, porém com autonomia total ampliada. Trata-se de um conjunto mais complexo e, normalmente, mais caro.

Super Híbridos

Nos anos mais recentes, surgiram modelos apelidados dessa forma. Não é uma classificação técnica formal, mas um termo comercial adotado por algumas marcas para destacar carros híbridos que priorizam o uso do motor elétrico na maior parte do tempo. É o caso de veículos da BYD, que combinam autonomia elétrica elevada com um motor a combustão que atua como apoio estratégico. Na prática, esses carros super híbridos rodam predominantemente no modo elétrico na cidade. Eles ainda oferecem autonomia total comparável à de carros tradicionais. Os modelos se aproximam da proposta de um EREV ou de um PHEV altamente eficiente, mas com foco maior na tração elétrica.

Na hora de escolher entre os diferentes tipos de modelos híbridos disponíveis no mercado, o perfil de uso do carro é decisivo. Quem não quer depender de tomada, pode optar por um veículo HEV. Quem tem estrutura para recarga e roda pouco no dia a dia pode aproveitar melhor um PHEV ou mesmo um super híbrido. O MHEV, por sua vez, entrega somente um ganho discreto de eficiência, enquanto o EREV oferece experiência elétrica com autonomia ampliada. **E**



Entre os carros HEV está o Honda CR-V Advanced Hybrid



Nike apresentou a coleção streetwear, com peças para mulheres, homens e crianças

DIVULGAÇÃO

É futebol, mas também Michael Jordan

Nike lança o segundo uniforme da seleção brasileira, em azul, e coleção streetwear em parceria com a marca do ídolo da NBA

Com a Copa do Mundo se aproximando, a torcida brasileira já está de olho nas camisetas e peças para usar nos dias de jogo da seleção brasileira, mas não apenas. A Nike, parceira da CBF desde 1996, lançou na semana passada o segundo uniforme da equipe, na cor azul, e uma coleção streetwear para ser vestida em qualquer ocasião, por adultos e crianças. O “detalhe”: entra em cena uma segunda marca da empresa, a Jordan Brand, com seu icônico “Jumpman”, a representação gráfica do ídolo da NBA, Michael Jordan, com seu famoso salto em direção à cesta.

O super rei das quadras de basquete, que deixou o esporte definitivamente

em 2003, tem uma história de sucesso com a Nike, que fechou um contrato de patrocínio com o então jogador do Chicago Bulls em 1984 (que virou até filme, “Air”, de 2003). O primeiro tênis Air Jordan 1 chegou ao mercado no ano seguinte. E em 1997 surgiu a Jordan Brand, que produz tênis, roupas, acessórios e uniformes de equipes esportivas. A seleção pentacampeã é a mais recente a “entrar para o time”, em uma parceria costurada entre a Jordan Brand, a Nike e a CBF.

“A Jordan acende algo verdadeiramente extraordinário. A parceria com a seleção brasileira é mais do que uma colaboração; é uma celebração da grandeza e da criatividade do futebol

global”, declarou Sarah Mensah, presidente da Jordan Brand. “Juntos, estamos redefinindo o que significa estar ancorado na grandeza competitiva”, completou a executiva.

O Brasil vai estrear as peças no amistoso contra a França, que acontece na próxima quinta-feira, 26, às 17h (horário de Brasília), no Gillette Stadium, em Foxborough, na região metropolitana de Boston (EUA). O jogo faz parte da preparação da equipe para a Copa do Mundo.

Roupas dos atletas

O uniforme reserva da seleção tem inspiração em tons, padrões e simbologias ligadas a alguns dos predadores “mais rápidos e formidáveis do Brasil”, afirmou a Nike. Uma das camisetas, a Brasil Jordan II versão de jogador, já à venda no e-commerce da marca (no valor de R\$ 749,99), remete a um sapo-flecha venenoso em seu design.

Além do “Jumpman”, a linha criada para o time brasileiro incorpora outra característica da Jordan Brand, uma estampa chamada Elephant Print, que remete à pele de elefante. O conjunto utiliza a tecnologia Aero-Fit, uma propriedade da Nike que proporciona maior circulação de ar na pele. De acordo com a gigante dos esportes, o material é 11% mais leve e até 238%

Elegância nas viagens

A CBF encomendou ao estilista Ricardo Almeida a criação da alfaiataria oficial da seleção brasileira para a Copa do Mundo 2026. É a terceira vez consecutiva que ele assina os ternos usados por jogadores e comissão técnica em eventos e compromissos oficiais da equipe.

O projeto deste ano combina a tradição da alfaiataria brasileira com uma leitura contemporânea da moda masculina. A comissão técnica vestirá um conjunto clássico, com costume de dois botões, camisa branca e gravata. Já os jogadores terão peças com abordagem mais moderna, desenvolvidas a partir da linha RA2, que aposta em proporções mais amplas e design desconstruído.

Entre os destaques está o caban — casaco estruturado sem ombreiras ou reforços internos, pensado para oferecer conforto e fluidez. O visual inclui ainda camiseta em fio pima e calçados em camurça, com modelos de amarrar para a comissão e mocassim para os atletas.

Os ternos são confeccionados com lã fria italiana em tom petróleo claro, com nuances de azul e verde, e levam o brasão da seleção brasileira. Todas as peças foram feitas sob medida, com acompanhamento direto de Almeida, respeitando as características físicas de cada integrante da equipe. Segundo o estilista, a criação traz “uma linguagem contemporânea, conectada ao perfil dos jogadores, que acompanham tendências, consomem moda e utilizam o vestir como forma de expressão pessoal. O resultado, é o alinhamento entre legado, atemporalidade e inovação, sem renunciar à elegância”.



Vini Jr., elogiou a parceria com a Jordan Brand: cultura e grandeza

mais respirável, em comparação a camisetas comuns do tipo.

A coleção Jordan Brand x Brasil inclui vestuário de treino e a chuteira Tiempo, com o logo de Michael Jordan e a estampa de elefante. Vale destacar que é a primeira vez que esse

ícone é adotado em um uniforme de seleção nacional. “A assinatura com a CBF em 1996 foi decisiva para a Nike no futebol. Esta nova colaboração representa um momento empolgante”, disse Elliott Hill, presidente e CEO da Nike.

Para o comandante da CBF, Samir Xaud, o lançamento “simboliza a união entre duas referências globais que compartilham ousadia, inovação e paixão pelo esporte”. A parceria com a Jordan Brand também foi comemorada por Vini Jr., um dos convocados pelo técnico italiano Carlo Ancelotti, para o jogo contra a França. “Jordan Brand e a nossa seleção se unirem é mais do que futebol: é cultura e grandeza juntas. Quando o Jumpman aparece ao lado das nossas cores, isso mostra ao mundo a criatividade, a paixão e a energia que tornam o Brasil especial. Isso inspira a nova geração a jogar com estilo, liberdade e orgulho toda vez que entramos em campo”, comentou o atacante.

Linha para a torcida

A coleção conta com camisetas streetwear, moletoms bicolores, shorts de mesh com padrão diamante e agasalhos oversized. A linha é composta ainda por quatro silhuetas clássicas de calçados reinterpretadas para torcedores do Brasil e do mundo: Air Jordan 1 Low, Jordan Brand Ultra, Jordan Brand Trunner e uma edição da chuteira de futsal Nike Tiempo.

Os preços giram entre R\$ 349,99 para camiseta de criança (de 3 a 7 anos), passando pela peça para adulto na versão torcedor, nos modelos feminino e masculino (R\$ 449,99), até R\$ 2.279,99 para a chuteira de campo Jordan Tiempo Maestro Elite.

Uma pergunta que a torcida se faz é sobre a camiseta amarela. A Nike não anunciou uma data oficial para esse lançamento, mas na convocação da seleção brasileira para os próximos embates (França e Croácia, sendo que o segundo jogo será em 31 de março, no Camping World Stadium, em Orlando) falou-se que o novo uniforme seria usado nos próximos amistosos. Já que a camiseta azul está prevista para estreiar agora, a oportunidade seguinte para ver a amarelinha em campo será no jogo contra os croatas. **E**

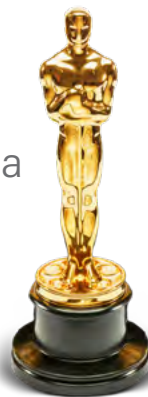


“Uma Batalha Após a Outra”, de Paul Thomas Anderson, conquistou seis prêmios, entre eles o de Melhor Filme

MARIO ANZUONI/REUTERS

O Oscar não veio...

Mesmo sem estatueta dourada, o cinema brasileiro obteve mais visibilidade no cenário global. Na premiação mais famosa da sétima arte, “Uma Batalha Após a Outra” foi o grande destaque



Lena Castellón

O Brasil tentou, mas não conseguiu repetir o feito do ano passado, quando “Ainda Estou Aqui” conquistou o prêmio de Filme Internacional. Com intensa campanha e uma maratona de mais de 70 festivais, “O Agente Secreto”, que emplacou quatro indicações ao Oscar, não levou nenhuma estatueta dourada. Adolpho Velloso, que concorreu na categoria Fotografia por “Sonhos de Trem”, também não se saiu ganhador. O grande destaque da 98ª edição do Oscar foi “Uma Batalha Após a Outra”.

O primeiro impacto, em parte do público brasileiro, foi de frustração e

até de revolta, o que culminou em uma sucessão de memes nas redes sociais. Também havia torcida contra, polarizada pela política — e que tripudiou do saldo do país no Oscar.

Mas no Recife, cidade onde a trama de Kleber Mendonça Filho se desenvolve, houve festa, como um reconhecimento da obra, que manteve em evidência no cenário global a qualidade da produção nacional.

Com o Oscar, realizado no domingo, 15, se encerra a temporada internacional de premiações, que se estendeu por longos dez meses, deixando os fãs de “O Agente Secreto” com a ansieda-

de aguçada desde as indicações — em Filme Internacional, que era aguardada pelas conquistas no Festival de Cannes (Direção para Mendonça Filho e Ator para Wagner Moura, além do prêmio da Federação Internacional de Críticos de Cinema); Direção de Elenco, uma novidade; Ator para Moura, sendo a primeira vez que o país emplaca um representante na disputa da categoria; e Melhor Filme, uma competição cobiçadíssima.

O fato é que esta temporada demonstra que o cinema brasileiro manteve a visibilidade, garantiu boa presença nos eventos internacionais e atingiu um novo patamar de inserção em Hollywood. Ao longo dessa jornada iniciada em Cannes, “O Agente Secreto” conquistou mais de 70 prêmios. No Brasil, o filme foi visto por mais de 2,5 milhões de pessoas nos cinemas.

Wagner Moura teve seu momento de brilho particular. Na estreante categoria Direção de Elenco, artistas de cada produção foram convidados a apresentar os responsáveis pela escolha de atrizes e atores.

O brasileiro se dirigiu a Gabriel Domingues e à plateia estrelada. ““O Agente Secreto” se passa no Brasil do fim dos anos 1970. Gabriel Domingues teve de preencher o filme com pessoas que tinham os rostos que pareciam pertencer àquela época. Gabriel, você conseguiu. Você encontrou os rostos certos. Fez isso com carinho e atenção, tanto com os papéis menores quanto com os maiores. E isso deu uma vida imensurável ao nosso filme. Você usou sua técnica para moldar o mundo inteiro em “O agente secreto””, declarou, ao que emendou com um “E por isso eu digo ‘Parabéns’”, com a última parte em português. O troféu acabou nas mãos da diretora de elenco de “Uma Batalha Após a Outra”, Cassandra Kulukundis.

Na ordem das categorias reveladas, o Brasil voltou a torcer na disputa de Fotografia. Quem recebeu o Oscar foi Autumn Dural Arkapaw, de “Pecadores”. É a primeira mulher a conquistar a estatueta dessa competição.



Wagner Moura subiu ao palco para falar da direção de elenco de "O Agente Secreto"; no fim, emendou um "parabéns"

PATRICK T. FALLON/AFIP

Quem levou a estatueta

(em 14 das 24 categorias)

Melhor Filme: "Uma Batalha Após a Outra"

Diretor: Paul Thomas Anderson ("Uma Batalha Após a Outra")

Ator: Michael B. Jordan ("Pecadores")

Atriz: Jessie Buckley ("Hamnet: A Vida Antes de Hamlet")

Ator Coadjuvante: Sean Penn ("Uma Batalha Após a Outra")

Atriz Coadjuvante: Amy Madigan ("A Hora do Mal")

Filme Internacional: "Valor Sentimental" (Noruega)

Animação: "Guerreiras do K-Pop"

Direção de Elenco: Cassandra Kulukundis ("Uma Batalha Após a Outra")

Fotografia: Autumn Dural Arkapaw ("Pecadores")

Canção Original: "Golden" ("Guerreiras do K-Pop")

Trilha Sonora Original: "Pecadores"

Documentário: "Mr. Nobody against Putin" (Dinamarca)

Curta Documental: "All the Empty Rooms" (Estados Unidos)

A maior chance estava em Filme Internacional

Desde antes da cerimônia, pelos resultados de premiações prévias e pelos rumores nos corredores da indústria, já se sabia que a maior chance de "O Agente Secreto" estava na categoria Filme Internacional. Também estava claro que não era uma competição fácil. O Brasil poderia ser premiado pela segunda vez consecutiva? A Noruega conquistaria seu primeiro Oscar por "Valor Sentimental"? O filme do iraniano Jafar Panahi, "Foi Apenas um Acidente", ganhador da Palma de Ouro em Cannes, receberia o mesmo reconhecimento em Hollywood? Se ele vencesse, era de se esperar um discurso forte abordando a guerra contra o Irã, impetrada por Estados Unidos e Israel.

Mas este Oscar não foi o mais político dos últimos anos. Chamado a ser um dos apresentadores da categoria, o espanhol Javier Bardem foi contundente nesse sentido. Ele veio com broches de protestos e disparou: "Não à guerra. Palestina livre". Pouco depois, foi revelado o ganhador: "Valor Sentimental", de Joachim Trier. Isso jogou às esperanças brasileiras na lona, já que a vitória em uma das duas categorias que restavam para "O Agente Secreto", Ator e Melhor Filme, seria quase impossível — de fato, o Oscar não veio.

Ao agradecer o troféu por Filme Internacional, Trier mencionou um escritor norte-americano, James Baldwin,

para ressaltar que todos os adultos são responsáveis por todas as crianças. "Não devemos votar em políticos que não levem isso a sério", afirmou. Na sala de imprensa, ele explicou a referência. "Estamos vivendo um momento em que temos mais informações do que nunca sobre abusos contra crianças em várias guerras. Eu, pessoalmente — tenho dois filhos pequenos —, já me peguei chorando e me sentindo incapaz de agir ao ver crianças palestinas, ucranianas e sudanesas sofrerem, sem que haja responsabilização". E prosseguiu: "Não sou político, mas acredito que precisamos trabalhar de forma mais colaborativa para proteger crianças em situações de conflito, e a sociedade como um todo".

Seis prêmios

O filme que mais conquistou estatuetas neste Oscar, "Uma Batalha Após a Outra", aborda uma crise atual do governo de Donald Trump: a questão da política de imigração. A história mostra um grupo de ativistas com pretensões revolucionárias que contesta a maneira como os Estados Unidos tratam os imigrantes capturados na fronteira. Mas o tema não foi nem sequer pincelado nos discursos de agradecimento. O longa de Paul Thomas Anderson recebeu seis prêmios. Entre eles, o de Direção e o de Melhor Filme.

"Pecadores", de Ryan Coogler, veio a seguir, com quatro prêmios, incluindo o de Ator para Michael B. Jordan. Este agradeceu à mãe, que estava presente no evento, lembrando da dureza dos primeiros dias, quando ele lutava por um espaço na indústria.

O Oscar 2026 trouxe sinais da transição da indústria. A cerimônia registrou 17,9 milhões de telespectadores nos Estados Unidos, queda de 9% em relação ao ano anterior. É a primeira redução na audiência da festa desde 2022. Porém, outros eventos do setor de entretenimento, como Globo de Ouro e Grammy, também tiveram baixas, na ordem de 6%. Em compensação, nas redes sociais, o Oscar teve um aumento importante nas impressões durante a premiação: 42%. É difícil não arriscar o palpite de que teve participação brasileira nesse índice. Afinal, ainda somos campeões de interatividade. **E**



O primeiro show do BTS será na Coreia do Sul. A turnê do novo álbum, “Arirang”, terá mais de 80 apresentações pelo mundo

A espera chega ao fim

BTS inicia sua turnê de retorno aos palcos com show ao vivo na Netflix; com novo álbum, o grupo fará mais de 80 apresentações no mundo

Sofia Magalhães

Após quase quatro anos de espera, o BTS está de volta à ativa e lança nesta sexta-feira, 20, seu quinto álbum de estúdio, “Arirang”, o primeiro trabalho desde o antológico “Proof”, de 2022, que reuniu sucessos da carreira com faixas novas. O momento é especialmente memorável para os fãs mais apaixonados, popularmente conhecidos como Army, já que marca o retorno definitivo do grupo após os cantores terem sido dispensados do serviço militar obrigatório na Coreia do Sul no ano passado.

Juntamente com o disco, os sete artistas – RM, Jin, Suga, J-hope, V, Jimin e Jungkook –, anunciaram uma turnê mundial para celebrar a volta. Abrangendo 34 cidades e com a promessa do anúncio de mais datas, a série de shows contemplará o Brasil: o grupo desembarca em São Paulo nos dias 28, 30 e 31 de outubro de 2026, marcando a quarta passagem do septeto pelo país desde 2014.

Enquanto o fandom aguarda o início da “World Tour Arirang”, em abril – e que terá mais de 80 apresentações pelo mundo –, será possível matar a saudade do Bangtan Boys, como também são conhecidos, com a ajuda da Netflix. A gigante do streaming transmitirá, ao vivo, o retorno oficial do grupo na praça Gwanghwamun, na Coreia do Sul, no sábado, 21, um dia após a estreia do álbum, às 8h (horário de Brasília).

Além das 260 mil pessoas esperadas para a performance em Seul, que será gratuita, fãs de 190 países poderão acompanhar o evento simultaneamente pela plataforma. A iniciativa marca a primeira vez que um conteúdo coreano é transmitido globalmente nesse formato. Fora a apresentação ao vivo, intitulada “BTS the Comeback Live | Arirang”, a Netflix anunciou o lançamento do documentário inédito “BTS: O Reencontro”, que estreia no dia 27. A produção vai mostrar basti-

dores do retorno do grupo e a criação do novo disco, com gravações em Los Angeles. “Arirang”, por sinal, é o nome de uma canção tradicional da Coreia do Sul e que, entre seus significados, trata de saudades.

No Instagram, o post anunciando a parceria entre o grupo e a companhia de streaming já ultrapassou a marca de 4,6 milhões, tornando-se a publicação com o maior número de likes da história da plataforma na rede social. O efeito também é sentido em outros tipos de conteúdos: o teaser do show ao vivo, compartilhado na semana passada, superou os quatro milhões de visualizações em menos de 24 horas.

Conhecida por investir em produções da Coreia do Sul, como os k-dramas, a Netflix demonstra cada vez mais interesse na chamada “k-wave” (ou onda coreana). Em 2025, Don Kang, vice-presidente de conteúdo coreano do streaming, afirmou estar empolgado com os resultados. Dados divulgados na APOS, evento da indústria audiovisual realizado em Bali, mostraram que mais de 80% dos espectadores que assistiram a algum k-content continuam acompanhando esse tipo de produção. “Isso realmente impacta a forma como o mundo vê e entende a cultura coreana”, declarou na ocasião.

“Antes focávamos mais em séries dramáticas. Agora estamos expandindo fortemente para realities e séries docu-



REPRODUÇÃO/AFACEBOOK

O sucesso veio aos poucos e se tornou mundial; em 2021, foi o grupo mais ouvido do Spotify

mentais, para agradar os fãs antigos e conquistar novos públicos”, explicou o executivo da Netflix.

A escalada até o topo

É difícil imaginar o que os sete rapazes pensam sobre sua popularidade atualmente. Quando debutaram com o disco “2 Cool 4 Skool” em 2013, o BTS era apenas um dos diversos grupos emergentes na terceira era do k-pop. Vindos da pequena empresa BigHit, que hoje faz parte do conglomerado Hybe, eles enfrentaram dificuldades como orçamentos apertados e baixa adesão do público frente aos grupos da “Big 3”, as três empresas de entretenimento mais tradicionais da época, verdadeiras fábricas de ídolos: SM Entertainment, JYP Entertainment e YG Entertainment, responsáveis por artistas como Girls’ Generation, Twice e Blackpink, respectivamente.

O sucesso veio aos poucos. Em 2015, o Bangtan Boys recebeu seu primeiro win (algo como topo de uma parada) em um programa de música coreano, que mede semanalmente a popularidade de lançamentos recentes, com “I Need U”, do disco “The Most Beautiful Moment in Life, Pt. 1”.

Em 2016, os cantores conquistaram o primeiro Daesang, prêmio de excelência considerado a maior honraria para artistas sul-coreanos, na categoria de “Álbum do Ano” com “Wings”. Hoje, o BTS é o grupo com a maior quantidade dessas estatuetas, somando 74 no total. Para comparação, o segundo na lista é o EXO, com 23. Nos anos seguintes, o número de conquistas

dos sete membros só aumentou, como “primeiro grupo de k-pop a emplacar um single no Top 10 da Billboard Hot 100” (em 2018) e “grupo mais ouvido no Spotify” (em 2021).

A expectativa dos fãs brasileiros

Após um medo inicial de ficar de fora da “World Tour Arirang”, a primeira turnê mundial do grupo desde 2019 com a “Love Yourself: Speak Yourself”, o Brasil foi incluído na primeira parte da série de shows, que se estenderão até 2027.

O grupo faz o giro pela América do Sul em outubro, com São Paulo na última parte dessa viagem. Ainda não há informações sobre o local e o valor dos ingressos. Durante uma live para comemorar seu aniversário de 33 anos recentemente, o integrante Suga afirmou estar ansioso para a apresentação em solo brasileiro. “Acredito que será divertido”, disse. Não é para menos.

O BTS veio ao Brasil em quatro oportunidades diferentes. Na primeira vez, em 2014, o grupo reuniu 1.500 pessoas em um encontro com fãs na casa de shows Via Marquês (hoje Estação Marquês), um espaço para eventos na Barra Funda, na capital paulista. Na última, em 2019, atraiu 90 mil pessoas com duas datas no Allianz Parque.

As visitas ao país são sempre emocionantes, com discursos calorosos e mensagens em português nas redes sociais agradecendo o carinho e o amor dos fãs. Os artistas, inclusive, já declararam mais de uma vez que o Brasil é o melhor palco do mundo. “A música deles esteve presente em muitas fases da minha vida”, conta Bianca Silva, fã do grupo desde 2016, quando tinha 12 anos. “Eles falavam sobre escola, sobre estudo, sobre o futuro, adolescência... Era como se fosse um abraço dos próprios membros”.

Emocionada, Bianca lembra o dia em que viu o grupo ao vivo em 2019 e descreve o momento como “uma loucura”. Agora, está ansiosa para viver esse sentimento novamente em 2026. “Espero que eu tenha a oportunidade de ir ao show, em qualquer lugar! Não importa se é pista ou arquibancada.”

Prestes a completar 22 anos, Bianca comenta que sente como se as músicas do grupo conversassem com ela. Para a fã, é essa relação que possibilitou o sucesso estrondoso deles. “Eles movimentam tanto o mundo até hoje, apesar do tempo que eles passaram em hiato no exército. Eu fico meio atônita”, considera. Não apenas ela. **E**

Documentário mostra os preparativos para o novo álbum e o retorno aos palcos



REPRODUÇÃO/YouTube

Filmes e séries

O retorno de Peaky Blinders

A saga da família Shelby está de volta, mas como filme. No cinema, estreia longa de Jeferson De, com participação de Seu Jorge

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"Narciso"

Um menino negro órfão enfrenta sentimentos de abandono às vésperas do aniversário. Enquanto vive sob os cuidados de um casal de irmãos, ele lida com o desejo de pertencimento. Com Arthur Ferreira, Seu Jorge, Juliana Alves e Marcelo Serrado. A direção é de Jeferson De.

"Turbulência"

Um casal decide fazer um passeio de balão como tentativa de salvar o relacionamento. A viagem romântica, porém, se transforma em pesadelo quando uma passageira misteriosa revela segredos. Presos no cesto, a milhares de metros de altura, eles enfrentam tensão crescente e uma luta pela sobrevivência.

"Enzo"

Um adolescente de 16 anos decide romper com sua família e passa a trabalhar como aprendiz de pedreiro. Na obra, ele conhece um ucraniano cuja história marcada pela guerra amplia sua visão de mundo.

"Uma Segunda Chance"

Após sete anos na prisão por provocar um acidente fatal, uma mulher retorna à cidade natal na tentativa de reconstruir a vida. Seu maior desejo é conhecer a filha que não pode criar, mas a família da menina, cujo pai morreu no tal acidente, resiste ao reencontro.

Destaques do streaming

"Peaky Blinders: O Homem Imortal"

Ambientado em Birmingham em 1940, o filme mostra Tommy Shelby (Cillian Murphy) de volta do exílio para um acerto de contas. Ele encontra seu filho (Barry Keoghan). O longa estreia no dia 20. No elenco estão ainda Rebecca Ferguson e Tim Roth.

Netflix

"The Comeback - Temporada 3"

Mais de uma década após a segunda temporada, a comédia criada por Lisa Kudrow e Michael Patrick King retorna para seu capítulo final, no dia 23. A série acompanha a atriz Valerie Cherish em sua tentativa de recuperar relevância em Hollywood.

HBO Max

"Demolidor: Renascido - Temporada 2"

Matt Murdock (Charlie Cox) continua equilibrando sua vida como advogado e Demolidor enquanto novas ameaças surgem em Nova York. O confronto com o Rei do Crime (Vincent D'Onofrio) ganha novos contornos políticos e pessoais. A série estreia no dia 24.

Disney+

"Bait"

Um ator prestes a alcançar o estrelato (Riz Ahmed) enfrenta uma crise existencial que ameaça sua carreira. Sob pressão, ele se vê envolvido em uma conspiração.

Prime Video

O filósofo que mudou o debate sobre democracia

Jürgen Habermas morre aos 96 anos; pensador influente do pós-guerra, ele ajudou a redefinir o papel do diálogo e da participação na política

Ao longo de mais de seis décadas de produção intelectual, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas ajudou a transformar a forma como cientistas políticos e outros pensadores entendem a democracia. Para ele, o funcionamento legítimo da vida democrática não depende apenas de eleições ou instituições formais, mas da capacidade de os cidadãos discutirem publicamente os rumos da sociedade e chegarem a decisões por meio do debate racional. Conhecido como teórico da “esfera pública”, o filósofo morreu no sábado, 14, aos 96 anos, em sua residência na Baviera, Alemanha. A causa da morte não foi divulgada.

Apesar de ter se aposentado em 1994 da Universidade de Frankfurt, onde lecionava filosofia, Habermas continuou em atividade por muito tempo. Em “Es musste etwas besser werden...” (“Algo precisaria melhorar...”, em tradução livre), de 2024, ele reuniu conversas e reflexões com o sociólogo Stefan Müller-Doohm, seu biógrafo, e o filósofo Roman Yos. Em um dos trechos, critica o fato de que, diante de numerosos focos de crise, “a consciência das elites políticas no Ocidente está cada vez mais sendo dominada pela lógica da guerra”.

Nascido em junho de 1929 em Düsseldorf, Habermas pertenceu a uma geração marcada pelo nazismo. Adolescente quando terminou a Segunda Guerra Mundial, ele dizia que o colapso do regime hitlerista foi decisivo para



LOUISA GOULAMAKI/AP

Habermas defendia que decisões legítimas devem surgir de processos de deliberação coletiva

sua formação intelectual. A pergunta que o acompanhou ao longo da vida era como sociedades modernas poderiam evitar novamente a deriva autoritária.

Habermas estudou filosofia, história, psicologia, literatura alemã e economia entre 1949 e 1954 nas universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. Ainda jovem, trabalhou como jornalista e publicou textos no jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung. Seu trabalho chamou a atenção do filósofo Theodor Adorno, um dos nomes centrais da chamada Escola de Frankfurt, corrente de pensamento dedicada à análise crítica das sociedades modernas.

Influenciado por essa tradição, Habermas tornou-se um dos principais representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. Segundo ele, a razão poderia desempenhar papel positivo na vida pública — desde que fosse exercida no diálogo entre cidadãos.

Essa ideia ganhou forma no livro “Teoria do Agir Comunicativo” (1981). Habermas afirma que as relações sociais têm dois caminhos para seguir. No primeiro, indivíduos agem estrategicamente, tentando impor seus interesses ou convencer os demais. No segundo, o de ação comunicativa, as pessoas argumentam em busca de entendimento comum. Para o filósofo, é esse segundo tipo de interação que sustenta a vida democrática. Habermas desenvolveu uma concepção de democracia baseada no debate público. Em vez de entender a política ape-

nas como disputa de poder, ele defendia que decisões legítimas devem surgir de processos de deliberação coletiva, de discussões abertas nas quais os cidadãos possam avaliar argumentos e participar da formação das decisões.

Segundo Habermas, a democracia depende da existência de arenas sociais em que opiniões possam circular livremente — desde conversas cotidianas e debates na imprensa até manifestações públicas. Esse ambiente de troca de ideias funciona como uma ponte entre a sociedade e o Estado, permitindo que demandas e críticas influenciem as decisões políticas. **E**

Emendas parlamentares paradas

As redes de IstoÉ reagiram à notícia sobre emendas parlamentares com valores de cerca de R\$ 2,8 milhões. Esse montante esteve parado nos cofres da prefeitura de Osasco

Stephanie Mecco

Deputados acionam STF contra prefeitura de Osasco

Três deputados federais acionaram o ministro Flávio Dino, do STF, contra a prefeitura de Osasco por atraso na destinação de emendas parlamentares já pagas ao município. Documentos obtidos pela IstoÉ mostram cerca de R\$ 2,8 milhões parados nos cofres do município. Em nota, a prefeitura afirma que os processos de licitação já foram abertos. Segundo os parlamentares, as emendas estão paradas há cerca de um ano e meio. Os valores seriam destinados para obras em quadras, reforma do batalhão da PM na cidade e para compra de equipamentos em unidades de saúde.



446 mil 5,3 mil

Prejuízo de até R\$ 30 mil após instalar insulfilm

Instaladores de películas tipo insulfilm e donos de GWM H6, Ora 03 e Tank 300, entre outros carros com sistemas como head-up display, que projeta informações no para-brisa, devem ficar atentos à instalação do produto. Relatos nas redes apontam que a aplicação da película, especificamente no para-brisa, pode causar a queima do sistema de infoentretenimento e de componentes críticos do head-up display devido à infiltração de água. Isso pode gerar prejuízo de até R\$ 30 mil.



362 mil 2,3 mil

Petistas consideram Marina favorita a 2º vaga ao Senado em SP

A tendência do palanque do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em São Paulo é ter a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva (Rede), e não o ministro do Empreendedorismo, Márcio França (PSB), ocupando a segunda vaga ao Senado na chapa do ministro Fernando Haddad (PT), que será candidato a governador. Essa é a avaliação de três parlamentares do partido no estado ouvidos pela IstoÉ.



135 mil 1,9 mil

Monica Iozzi se recupera após internação por acatisia

A atriz Monica Iozzi utilizou as redes sociais para tranquilizar os fãs sobre o seu estado de saúde. Após ficar internada em São Paulo, ela confirmou estar recuperada de um quadro de acatisia (distúrbio caracterizado por uma inquietação motora), provocado por uma reação adversa a medicamentos. A hospitalização ocorreu entre o final de fevereiro e o início de março.



201 mil 1,1 mil



156 mil 1,6 mil

Morre filha de Amado Batista

O cantor Amado Batista foi às redes sociais no sábado, 14, para comunicar o falecimento de sua filha, Lorena. De acordo com a publicação, Lorena enfrentava uma batalha contra uma doença grave. Amado Batista destacou a bravura da filha durante o tratamento e agradeceu o respeito do público com sua família. "A música continua, pois ela era alegria, e eu seguirei cantando por ela e para vocês", afirmou.

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



FABIO RODRIGUES/POZZEBONI/AGÊNCIA BRASIL

"Estou aqui por causa das pessoas que vieram antes de mim. Sidney Poitier, Denzel Washington, Halle Berry, Jamie Foxx, Forest Whitaker, Will Smith. E estar entre esses gigantes, entre esses grandes, entre meus ancestrais... obrigado"

Michael B. Jordan, agradecendo o Oscar de Ator pelo filme "Pecadores".

Ele é o sexto ator negro a vencer na categoria; Halle Berry é a única artista negra a conquistar o Oscar de Atriz



MARIO ANZUONI/REUTERS

"O que está em questão é que se criaram autênticos atacadistas de emendas. Nós temos uma rede de varejo, que foi posta tradicionalmente no Brasil, se afirmaram figuras, em vários estados, quicá, em todos, de atacadistas, que ocupam uma espécie de topo dessa rede, em que emendas são compradas e vendidas"

Flávio Dino, ministro do STF, durante o julgamento no qual a Primeira Turma condenou dois deputados federais do PL do Maranhão — Josimar Maranhãozinho e Pastor Gil — e um suplente — Bosco Costa (PL-SE) — por cobrança de propina para a liberação de emendas parlamentares



MARK SCHIEFFEL/REUTERS

"Depois de 98 anos, você tem tanto a dizer. Eu tentei manter tudo na cabeça, mas uma coisa que não consegui dizer é que muitas meninas que são parecidas comigo vão dormir bem e vão saber que podem ser diretoras de fotografia. Vamos mudar a vida de muitas garotas, porque elas serão inspiradas"

Autumn Dural Arkapaw, ganhadora do Oscar de Fotografia por "Pecadores", ao comentar ser a primeira mulher a vencer na categoria na história da premiação, que chegou à 98ª edição



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

"Passei grande parte da minha adolescência com muita vergonha do meu corpo (...). Agora eu falei: 'o quê? Vou mostrar tudo o que tenho direito'. Tô me sentindo linda. Tô me sentindo livre (...). Eu me liberei de todas as 'noias' que tinha em relação ao meu corpo. A maturidade tem feito bem demais pra mim"

Táris Araújo, atriz, 47 anos, em entrevista para IstoÉ Gente, falando sobre sua autoestima



MARIO ANZUONI/REUTERS

"Não posso, em sã consciência, apoiar a guerra em curso no Irã. O Irã não representava uma ameaça iminente à nossa nação, e é claro que iniciamos esta guerra devido à pressão de Israel e seu poderoso lobby"

Joseph Kent, ex-militar, ao renunciar ao cargo de diretor do Centro Nacional de Contraterrorismo dos Estados Unidos por discordar da guerra travada contra o Irã; ele alega que Trump foi convencido por altos funcionários do governo israelense

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

